



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL BAIANO –  
CAMPUS CATU CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO  
CIENTÍFICA E POPULARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS**

**FERNANDA SANTOS SANTIAGO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO PARA A  
ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CATU  
2021**

**FERNANDA SANTOS SANTIAGO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO PARA A  
ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA**

Monografia de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Científica e Popularização das Ciências do Programa de Pós-Graduação do Instituto Federal Baiano, *Campus Catu*, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Científica e Popularização das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amélia Teixeira Blanco

**CATU  
2021**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Maria Amélia Teixeira Blanco**  
Orientadora

---

**Profa. Dra. Mirna Ribeiro Lima da Silva**  
Convidada

---

**Profa. Ms. Ubiraneila Capinan Barbosa.**  
Convidada

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Catu  
Setor de Biblioteca

S235 Santiago, Fernanda Santos  
A contribuição da Sociologia no ensino médio para a alfabetização científica / Fernanda Santos Santiago. – 2021.

60 f.:

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Amélia Teixeira Blanco.

Trabalho de conclusão de curso (especialização), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Especialização em Educação Científica e Popularização das Ciências, Catu, 2021.

1. Ensino médio (Brasil). 2. Sociologia (Ensino médio). 3. Ensino. I. Blanco, Maria Amélia Teixeira. II. Título.

CDU: 37.02

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos amigos que me impulsionaram e mostraram a beleza que é ser professora. Aos professores do programa que trouxeram contribuições que ampliaram minha visão do trabalho científico e a minha orientadora, pela companhia respeitosa, cuidadosa e sapiência inspiradora.

## RESUMO

Este trabalho busca contribuir para levantar discussões e ampliar as possibilidades para se pensar o ensino de sociologia no ensino médio. A partir de abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, defendo a alfabetização científica e o uso da experimentação problematizadora como metodologia possível de ser aplicada na disciplina. Para isso, foram apresentados em três capítulos, (i) explicações gerais sobre o ensino de sociologia no Brasil. No segundo capítulo, apresento uma breve discussão sobre (ii) alfabetização científica, para que no terceiro e último capítulo, seja apresentado a (iii) experimentação problematizadora como um caminho para se alcançar a alfabetização científica através das aulas de sociologia.

**Palavras chave:** Sociologia, Alfabetização Científica, Ensino Médio, Experimentação Problematicadora

## **ABSTRACT**

This work seeks to contribute to raise discussions and expand the possibilities for thinking about the teaching of sociology in high school. From a qualitative approach and bibliographic review, I defend scientific literacy and the use of problematizing experimentation as a possible methodology to be applied in the discipline. For this, three chapters were presented, (i) general explanations about the teaching of sociology in Brazil. In the second chapter, I present a brief discussion on (ii) scientific literacy, so that in the third and last chapter, (iii) problematizing experimentation is presented as a way to achieve scientific literacy through sociology classes.

**Keywords:** Sociology, Scientific Literacy, High School, Problematic Experimentation

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	12
1. EXPERIÊNCIAS OU OLHANDO DE UM OUTRO LUGAR .....	12
1.1 - SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA E SUAS INTERMITÊNCIAS .....	16
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	23
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	23
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	30
A EXPERIMENTAÇÃO PROBLEMATIZADORA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>APÊNDICE</b>	



## 1. INTRODUÇÃO

Após conclusão do bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), iniciei logo na sequência na licenciatura no mesmo curso e instituição, a partir disso, fui sendo inserida nas discussões sobre ensino de sociologia e educação em geral, nas disciplinas ofertadas no curso. No mesmo ano, 2018, iniciei o curso de Pós-graduação *lato sensu* em Educação científica e Popularização das Ciências promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano, campus Catu. Escolhendo a linha 02: Práticas educativas e inovações educacionais, apresentei um projeto que buscava realizar uma proposta metodológica para o ensino de sociologia. As inquietações eram muitas e a insegurança sobre a possibilidade de atuação na educação básica era, mais uma vez, o debate do momento, essas últimas, foram as motivações iniciais para realizar o curso.

Mesmo motivada pelas inquietações supracitadas, a realização desta Pós-graduação não foi nem de perto fácil de ser realizada. Primeiro por estar em ambiente de maioria dos profissionais das áreas das ciências da natureza e de informática, o que me deixava insegura sobre a viabilidade de conseguir subsídios para desenvolver uma pesquisa orientada, além de que mesmo os colegas eram de área diferentes, matemática, biologia... a mais próxima da sociologia era uma colega com formação em serviço social. Isso me deixou por muitos momentos em isolamento social.

O diálogo é algo fundamental para as relações humanas e para o crescimento intelectual. Uma situação emblemática aconteceu e se colocou como um dos desafios que encontraria para conclusão do curso. Em determinado momento, em aula prática de uma das disciplinas, fomos inseridas num laboratório que era usado nas aulas de química e física e a proposta era, utilizando de algum aparelho ou instrumento contido no laboratório, pensar uma aula que fosse diretamente ligada à sua formação inicial na graduação. Pensei estar perdida até achar uma espécie de jogo da memória, com cartas que representavam árvores nativas do Brasil, essa foi a salvação, sem dúvida, e pensei em elaborar um plano de ensino para pensar as práticas de cuidado com a

saúde realizadas a partir de saberes tradicionais disseminados na cultura local a partir desse jogo da memória encontrado no laboratório. Nessa altura, a criatividade era importante, mas o domínio da ciência na qual era graduada era fundamental para cumprir com o objetivo primordial no curso, que era a defesa da sociologia no ensino médio. Em meio a turbulências políticas e educacionais, fui envolvida pela necessidade de defender a educação pública de qualidade e que a sociologia pode e deve compor esse quadro de disciplinas fundamentais para formação dos educandos no ensino médio. Em tempos de estabelecimento de teto de gastos, reforma do ensino médio e implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo então Ministro de Educação, Mendonça Filho, e depois por Rossieli Soares em sua terceira versão, eventos ocorridos entre 2017 e 2018, trouxeram à tona o cenário já vivido pelos professores que lecionam sociologia no ensino médio, a retirada da obrigatoriedade da disciplina.

Compreendendo que o histórico de intermitência da disciplina sociologia, no ensino médio, funciona como uma tentativa de inviabilizar uma formação crítica e cidadã da população brasileira, este trabalho foi construído a partir do anseio em defender a relevância do ensino de sociologia no ensino médio, mas dentro do viés científico, já que um dos argumentos mais utilizados para sua retirada ou desobrigatoriedade é justamente a acusação de que a sociologia não é ciência<sup>1</sup> e, por isso, é usada para doutrinação. Assim, buscarei contribuir para ampliar o debate sobre alfabetização científica através do ensino de sociologia no ensino médio, utilizando de abordagens qualitativas a partir de revisão teórica.

A partir das experiências vivenciadas no curso de licenciatura, nos estágios curriculares obrigatórios e em aulas em espaços formais e não formais de educação, pude perceber que a sociologia não estava consolidada enquanto disciplina obrigatória e respeitada pelos demais professores das outras áreas de conhecimento. A impressão de que os colegas professores se sentiam desconfortáveis com a presença de estudantes da área que não era de sua formação, mas que lecionavam para complementar sua carga

---

<sup>1</sup> Discussão que existe desde o século XVIII e que já existem inúmeras comprovações de sua cientificidade. Ver: DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. São Paulo: Editora Nacional, 1990.

horária, ou por professores com formação na área, mas pouco comprometidos com a formação dos educandos e até pela receptividade dos estudantes com relação aos compromissos com a disciplina. Proporcionou, mesmo que pouco fundamentada teoricamente, uma forma de lecionar que pudessem alcançar vários objetivos, políticos e sociais ao mesmo tempo. Políticos por defender a sociologia no ensino médio; social por desejar mostrar sua relevância na formação de jovens que estavam no ensino médio.

Na tentativa de apresentar essa atuação um tanto utópica para uma professora em formação ou iniciante, relato um episódio interessante que aconteceu quando na regência de sociologia em escola pública de Salvador. Após diálogos iniciais e rodas de apresentação, algumas perguntas foram brotando e algumas delas giravam em torno da utilidade da disciplina e as perspectivas dos educandos, então, surgiram as perguntas: O que é sociologia? Para que servia? O que pensavam para o futuro? Como a sociologia poderia ser útil para eles... naquele momento nenhuma resposta foi dada para eles, mas foi combinado que eles mesmos apresentariam ao final da unidade as respostas para essas perguntas. Na semana seguinte, foram dispostas em cima da mesa algumas revistas<sup>2</sup> de Sociologia cujos títulos foram selecionados a partir de conversas que buscaram extrair temas de interesse deles: Maioridade penal (2013); Criança tem opinião (2013); Questões de gênero (2015); A lei da tortura, ontem e hoje (2016); Mulheres encarceradas (2017). Sala dividida em grupos, formados pelos próprios educandos, em que cada representante, também escolhido por eles, após diálogo com os demais membros da sua equipe, se dirigia para a mesa onde estavam as revistas e, não por coincidência, cada grupo escolheu uma de maneira a contemplar seus interesses/curiosidades pela matéria de capa, conforme descrito acima.

Após apresentação geral da revista e de como utilizá-la para estudo, foi orientado que cada grupo lesse a matéria principal e que buscasse outras fontes que tratavam do

---

<sup>2</sup> Todos os títulos citados constam nas referências. Cabe informar que a revista não são comercializadas nas bancas de revistas como outrora, mas podem ser conferidas aqui: <https://www.goread.com.br/revista/Sociologia---Acervo53693b38c2d6d86b950000f> Acesso em 09 jan. 2021.

tema. Após a leitura, escreveriam um texto livre, mas que deixassem explícito o que pensavam antes de ler, o que passaram a pensar, o que conseguiram entender, quais as dificuldades encontradas para realização da pesquisa e escrita, entre outras orientações. Após pesquisa, leitura e produção textual, foi realizada uma roda de conversa para que cada educando pudesse apresentar suas percepções sobre o assunto do trabalho. O resultado foi bastante relevante por possibilitar que as diferentes formas de realização da pesquisa fossem possíveis, e garantiu aos que se saíssem melhor falando ao invés de escrevendo pudessem dar o melhor de si e vice-versa, além da resolução de conflitos ligados à homofobia, porque um educando, ouvindo como seu colega pensava, sentia e recebia as “piadas” e “brincadeiras”. Isso permitiu a compreensão e sensibilização em torno da violência sofrida pelo jovem que declaradamente se afirmava homoafetivo.

Esse exercício foi realizado de formas diferentes a cada unidade e as experiências positivas foram se multiplicando ao ponto da afetividade descrita no primeiro capítulo deste trabalho vir à tona nas aulas de sociologia, mas desta vez não partia da professora em dar um abraço ou perguntar se estava tudo bem, mas entre eles mesmos. Isso me leva a crer que dificilmente as práticas de respeito expressas em sala ficam restritas a ela e é possível entender que essa ação relatada pode sim representar um esboço de experimentação.

Trilhando por esse caminho de pensar uma experimentação, vale destacar que o plano inicial para este trabalho era de propor planos de ensino que contribuíssem para auxiliar na execução da experimentação problematizadora, mas considerando os percalços imposto pelo pouco tempo disponível e a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, a impossibilidade de testar os planos colocou um cenário de muita incerteza sobre a confirmação de viabilidade metodológica dos planos citados. Por esse motivo, a pesquisa foi redirecionada para uma abordagem teórica possível de ser realizada.

Nesse sentido, os processos metodológicos utilizados para essa pesquisa se basearam no levantamento bibliográfico na *internet* e utilização de referências que já possuía

sobre ensino de sociologia e os livros didáticos utilizados nas aulas, além de citar experiências que contribuíram para pensar ou realizar a pesquisa. Para isso, este trabalho será composto de três capítulos. No primeiro, buscarei explicitar o cenário em que o ensino de sociologia é desenvolvido no Brasil utilizando como base referencial os cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS), chamados de CABECS, e da produção editorial “Café com Sociologia”, além de outros referenciais que possam contribuir na discussão. No segundo capítulo, serão expostas discussões sobre alfabetização científica<sup>3</sup> e aplicações no ensino de sociologia para que na terceira e última parte sejam apresentadas as discussões sobre a experimentação problematizadora<sup>4</sup> como metodologia para alcançar a alfabetização científica através das aulas de sociologia no ensino médio, para, assim, poder responder a pergunta: Quais as ações possíveis para uma alfabetização científica através do ensino de Sociologia no ensino médio?

---

<sup>3</sup> Foram utilizadas como ponto de partida as referências trabalhadas no curso de Pós-Graduação supracitado.

<sup>4</sup> Idem nota 3.

## CAPÍTULO 1

A eficácia total, entretanto, eficácia diante da qual devemos nos declinar – aquela que é realmente o grande feito que nós, brasileiros, podemos ostentar diante do mundo como único – é a façanha educacional da nossa classe dominante. Esta é realmente extraordinária! E por isto é que eu não concordo com aqueles que, olhando a educação desde outra perspectiva, falam de fracasso brasileiro no esforço por universalizar o ensino. Eu acho que não houve fracasso algum nesta matéria, mesmo porque o principal requisito de sobrevivência e de hegemonia da classe dominante que temos era precisamente manter o povo chucro. Um povo chucro, neste mundo que generaliza tonta e alegremente a educação, é, sem dúvida, fenomenal. (RIBEIRO, 1986, p. 7)

### 1. EXPERIÊNCIAS OU OLHANDO DE UM OUTRO LUGAR

Como componentes curriculares obrigatórios, cursei três disciplinas de estágio supervisionado e entre observações, intervenções e regência, pude perceber o ensino de sociologia a partir de lugares diferentes. Conforme apresentado por Bodart e Lima (2019), quando informam que cerca de 85,3% de professores que lecionam sociologia não são formados na área, identifico essa realidade em minhas experiências iniciais na docência<sup>5</sup> durante o curso de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Durante as observações obrigatórias no primeiro estágio, realizado em escola pública estadual, passei longos períodos na observação em duas turmas do primeiro ano e algo que ficava latente era o desconforto da historiadora, que lecionava sociologia, com a minha presença (e de minha colega de curso que fazia dupla comigo). Sentia-se insegura no tratamento das teorias sociológicas buscando com olhares e consultas explícitas a confirmação de que estava trabalhando bem os conceitos. Em alguns momentos, fui convocada a realizar intervenções para explicá-los ou exemplificar o que era dito pela professora regente, já que a mesma pedia que contribuíssemos porque, nas palavras dela, “a minha formação é outra”, ou seja, preenchia sua carga horária

---

<sup>5</sup> Não somente nas minhas, mas na realidade dos licenciandos que conheci. Encontrar um professor formado na área era uma das maiores dificuldades para realização do estágio curricular.

lecionando sociologia e a falta de domínio da disciplina colocava a docente numa situação de insegurança.

Ao mesmo tempo que a situação era desconfortável para a regente, para os estudantes que ficavam entre a professora e as estagiárias (eu e minha colega), a impressão que ficava era de que a disciplina era complicada (os alunos falavam isso) e de pouca respeitabilidade (já que professores com outras formações poderiam dar aula de sociologia). Se observado o trato desleixado com as atividades propostas pela regente e pouca ou nenhuma participação na aula por parte dos alunos, mesmo com o nítido esforço e dedicação da professora. A mesma tentava mostrar através de exemplos do cotidiano as contribuições da sociologia, mas nem sempre conseguia trabalhar esses exemplos da melhor maneira, nas palavras de Lejeune Mirhan (2015, p. 31),

As disciplinas passaram a ser negadas, assim como a ciência e o saber delas decorrentes. Para eles, ter conhecimentos de Sociologia não significa introduzir a disciplina nos currículos dos cursos, bastaria, digamos, um professor de Matemática discutir com seus alunos um artigo de jornal que trate do desemprego em São Paulo, por exemplo, quando entrar no assunto percentuais. Ele estaria já “lecionando Sociologia” (sic) aos seus alunos ao tecer comentários sobre a situação do desemprego, concentração de renda, queda de rendimento etc.

Outro momento marcante<sup>6</sup> em minha passagem pela sala de aula, agora, já como regente, se refere ao aspecto da sociabilidade, do afeto transmitido aos “meus alunos<sup>7</sup> e a reciprocidade deles. O afeto em sala de aula é, muitas vezes, o que aproxima o estudante da disciplina, o despertar para as atividades e participação nas aulas. O distanciamento entre aluno e professor não se relaciona apenas com as hierarquias estabelecidas historicamente entre os que detêm o conhecimento e os que não detêm. A falta de preparo para lidar com jovens que estão na transição para a vida adulta, e a

---

<sup>6</sup> Por falar em marcante, a vivência na sala dos professores daria um trabalho muito rico. Neste espaço, pude perceber as inúmeras causas de insatisfação dos professores, que perpassa desde o fato de serem mal remunerados ao fato de odiarem que os alunos falassem com eles fora da escola, a falta de empatia para com os educandos era o que de longe poderia ser identificado. Separados por grupos, outros assuntos circulavam com muita fluidez, como questões sobre a novela e vendas de cosméticos.

<sup>7</sup> Entenda essa posse como forma de ilustrar o corpo alunado que estava exposto a mim, como professora responsável pela disciplina.

inabilidade na transmissão de afeto, sem que recaia em mau-entendido e descambe no desrespeito entre aluno e professor, é um dos fatores que contribui para maior distanciamento e desinteresse dos estudantes com a disciplina.

Defendo que a troca de afeto seja algo possível em sala de aula e isso pode conduzir os rumos do aluno ou da turma como um todo de maneira decisiva. Às vezes, perguntar ao aluno se ele está bem, ou se a aula está boa, já muda muita coisa. Enquanto professora, essa experiência mostrou que muito do que se diz sobre a escola não é verdade, aprendi que um dia de aula nunca será só “mais um dia”. A maior dificuldade que encontrei para o exercício docente foi causada pela deslegitimação da sociologia enquanto disciplina, porque pairava no ar que a disciplina não era obrigatória ou que se ele, o aluno, não cursasse naquele ano, no ano seguinte ele não teria problema porque sairia do currículo. A outra questão que trouxe grande dificuldade eram alguns vícios da escola e dos professores anteriores, a saber: professores que não eram pontuais e assíduos e a duração das aulas que eram reduzidas se fosse a primeira ou a última, se fosse a primeira, era “natural” começar tarde porque não tinham como os educandos chegarem no horário ou porque sentiam fome e tinham que ser liberados 10 minutos antes. Então a desnaturalização teve que ser a primeira ação realizada nas primeiras aulas, a mudança dessa cultura foi duramente enfrentada pelos alunos que reclamavam e pelos funcionários que sempre chegavam na porta da sala e perguntavam se a aula ia até o horário. Foram momentos de tensões, mas que resultaram em momentos de muita troca e conquista de confiança e respeito na relação professor e aluno.<sup>8</sup>

Partindo da hipótese de que existem “tensões e desafios” (Dayrell, 2007, p. 1106) entre a escola e a juventude, e isso interfere nessa relação dos jovens com o meio, seja através das formas de sociabilidade ou na lida com a instituição que em alguns casos não consegue fazer com que o corpo alunado se sinta pertencente ou integrado à escola. A juventude se configura de outra forma, possui outras necessidades, e a escola

---

<sup>8</sup> O resultado mais gratificante nesse período foi conseguir atrair novamente os estudantes para a sala ao ponto de alunos de outras salas irem pedir para assistir aula comigo. Assumir uma turma com 39 alunos matriculados e somente 11 frequentavam, terminar o ano com 25 alunos frequentando assiduamente foi a maior conquista que pude ter nesse período de licencianda.



não consegue mais acompanhar essas mudanças. Nesse sentido, a escola fica desconfigurada às novas necessidades dessa juventude, segundo Dayrell (2007), é necessária uma mudança na maneira de pensar a escola, ela deve se adequar ao perfil do público que a frequenta hoje, ou seja, os jovens estudantes demarcadamente brasileiros, periféricos, de escolas públicas e que sofrem com a desigualdade social.

Outro ponto bem demarcado pelo autor é a questão da sociabilidade, considerando a condição de ser jovem. As relações possuem graus de aproximação e temporalidade e, através das diversas expressões culturais, interagem com o espaço e com os outros, isso ocorre dentro e fora das instituições, bairros, trabalho. O tempo e o espaço são elementos que influenciam na construção social da condição juvenil. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de *estruturas particulares de significados*. A condição juvenil busca ampliação do domínio do espaço urbano, ultrapassando as fronteiras dos muros, nas palavras do autor: o “ruir dos muros”. Permitindo que essas vivências sejam inseridas no espaço escolar a partir dessa sociabilidade. Chassot (2003) traz algumas contribuições nesse sentido, e:

Assim, parece que se pode afirmar que a globalização determinou, em tempos que nos são muito próximos, uma inversão no fluxo do conhecimento. Se antes o sentido era da escola para a comunidade, hoje é o mundo exterior que invade a escola. Assim, a escola pode não ter mudado; entretanto, pode-se afirmar que ela foi mudada. E talvez não diríamos isso há dez anos. (p. 90)

Seguindo o fluxo das leituras, observações e regência, houve mais motivos para incômodos do que leveza nesses processos. Talvez pelo fato de estar iniciando essa vivência como licencianda, consigo olhar com menos vícios para as burocracias da escola, olhar para os alunos com afeto e projetar possibilidades que defendo serem possíveis para as aulas de sociologia. Mas, foram essas experiências no ensino de sociologia que me colocaram no caminho de pensar mecanismos para o ensino de da disciplina no ensino médio, não como o único ou melhor caminho, mas como uma forma possível de educar para a cidadania através da alfabetização científica à luz da sociologia.

Defendo a proposta de uma sociologia que alfabetize cientificamente também enquanto uma defesa de direitos porque a partir do acesso a uma educação que se volte para formação de cidadãos (que reconhecem seus direitos e deveres) e assim dado às ferramentas básicas para sua atuação na sociedade dentro de toda plenitude que o cidadão deveria alcançar. Conforme apresenta AHLERT (2007, p. 5), quando fala sobre a concentração de poder e das desigualdades sociais como resultado imediato. As pessoas que têm menos conhecimento dos seus direitos são os que sofrem pela falta de educação, saúde, habitação e segurança. Apresentando os direitos humanos como “universalidades necessárias”, por compreender que existem problemas que assolam a humanidade dos diferentes sujeitos e grupos societários. Mas, a efetiva implantação desses direitos demanda profundas mudanças na estrutura da sociedade. Afirmando ainda que para acessar esses direitos o fundamental é ter uma educação que oriente nesse sentido. Onde as pessoas não sejam “objetos de ação”, mas sim “sujeitos da prática política”.

Seria essa participação o exercício da cidadania numa efetiva democracia. Compreendendo a verdadeira democracia como a que o Estado está sob o controle da população e não o contrário.

O ensino das Ciências Sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atividades capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins em qualquer setor da vida social. (FERNANDES, 1980, p. 90)

Partindo do princípio da defesa da sociologia na educação básica, proponho que a disciplina parta da perspectiva da alfabetização científica e para isso sigo apresentando o cenário complicado em que a disciplina está inserida na atualidade, já que mais uma vez deixa de ser obrigatória e tem sua carga horária reduzida (de 5h/aula para 3/horas aula) no ensino médio da rede estadual de ensino na Bahia.

## **1.1 - SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA E SUAS INTERMITÊNCIAS**

O ensino da sociologia no ensino médio é um palco de luta e inconstâncias, entre inserção e retirada da obrigatoriedade dessa disciplina, seja dentro ou fora da sala de aula, inúmeras dificuldades são impostas para sua efetivação. Com isso, o professor(a) acaba sendo demandado a atuar em diversas frentes para conseguir continuar trabalhando em sua área de formação, então, ser sociólogo/cientista social que leciona o componente sociologia na educação básica é ser também, militante (entender esse militante como um professor(a) engajado).

Objetiva-se apresentar os avanços e entraves que a disciplina ainda segue enfrentando, para isso, cabe destacar alguns pontos como a sua intermitência no ensino médio que, conforme descrito por Castro (2019, p. 32):

- 1891 a 1941 - sociologia inicia sua institucionalização;
- 1942-1982 - a sociologia deixa de ser obrigatória;
- 1982-2001 - reinserção gradativa da Sociologia no Ensino Médio;
- 1996 - a Sociologia, bem como a Filosofia, se torna disciplina fundamental para o exercício da cidadania;
- 1995-2002 - Fernando Henrique Cardoso veta a obrigatoriedade da sociologia;
- 2009 - Sociologia e Filosofia tornam-se obrigatórias ao menos em uma série do Ensino Médio;
- 2018 - Retirada ou diluição da disciplina com a BNCC.

De todas as disciplinas, a sociologia e a filosofia são as que mais sofrem para sua legitimação. Elas são incluídas e excluídas do currículo sem que seja realizado nenhum levantamento dos efeitos que isso causa na vida profissional e psicológica dos sociólogos/cientistas sociais, na vida dos alunos e do país. Essa instabilidade causa não só o desgaste físico no investimento e preparo das aulas, mas o desgaste psicológico por não saber se poderá lecionar na sua área de formação, a desvalorização é ainda maior para essa categoria e isso deve ser discutido.

Mas, um destaque deve ser feito no fato de que mesmo com essas saídas e inclusões, a produção sobre o ensino de sociologia obteve crescimento, segundo Bodart e Pereira (2017), de 2000 a 2013, saindo de apenas 1 grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ para 22 grupos que investigavam o subcampo ensino de sociologia. Para os

licenciandos e professores de sociologia isso é um grande avanço porque possibilita maior domínio sobre o tema e instrumentalização dos mesmos em sua prática docente.

Existem periódicos<sup>9</sup> que publicam pesquisas, relatos de experiências e entrevistas que tratam sobre o ensino de sociologia, mas são poucos os trabalhos que apontam meios para intervir na realidade da disciplina tão bem colocada pelos pesquisadores no assunto. Nesse sentido, entre as opções disponíveis para levantamento de boa parte do meu referencial teórico sobre o ensino de sociologia, decidi escolher um canal em específico, que atuasse em defesa do ensino de sociologia no ensino médio e que agremiasse quantidade e diversidade nas publicações sobre o tema, além da facilidade em acessar o conteúdo. Então, escolhi a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais<sup>10</sup> (ABECS), que, através dos cadernos<sup>11</sup> da ABECS, que a cada ano publica dois números, consegue reunir os critérios descritos acima. Foi identificada uma variedade de perspectivas nas publicações, mas, mesmo com o incentivo e investimento da instituição, dos sete números publicados<sup>12</sup>, no caderno n. 2 de 2019, é que foi possível verificar trabalhos que discutiam de forma mais propositiva outras possibilidades para ensino da sociologia e indicando outros caminhos.

Se pensarmos que a maioria dos professores que lecionam sociologia no ensino médio são de outras áreas de conhecimento, segundo os dados levantados por Bodart e Silva, (2019) no Censo Escolar da Educação Básica de 2017 no caso dos recém-formados, com sua pouca experiência no ensino e com um modelo mais voltado para a academia, a falta de material didático ou manuais que auxiliem no desenvolvimento das aulas, causa ainda mais problemas se levado em consideração o cenário de desvalorização que a disciplina já enfrenta.

---

<sup>9</sup> Alguns deles podem ser encontrados no site do café com Sociologia. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/nucleos-e-laboratorios-de-praticas-de-ensino-de-sociologia/> Acesso em 10 ago 2020.

<sup>10</sup> Site da ABECS disponível em: <https://abecs.com.br/> Acesso em: 04 ago. 2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://abecs.com.br/revista/index.php/cabecs/issue/archive> Acesso em 04 ago. 2020.

<sup>12</sup> Até dezembro de 2019 dos Cadernos da ABECS.

Para LEITE (2017, p. 56), “ao frequentar a escola como pesquisadora foi possível verificar a escassez de fontes de referência para a criação de aulas de Sociologia.”, o que resulta, em alguns casos, discussões superficiais sobre os temas ou dentro de uma complexidade acadêmica inalcançável para os alunos da rede básica que em sua maioria possuem dificuldades de leitura e interpretação textual. Por isso, no processo de implementação do ensino de sociologia uma questão de relevância a ser discutido é o livro didático, aponta MORAES (2010, p. 02), sobre a falta de “críticas especializadas”, permitindo, assim, que os livros ainda sejam pensados com estrutura enciclopédica, e as pesquisas que são desenvolvidas em torno do livro didático não têm retorno efetivo quanto ao uso desses resultados para se pensar no livro enquanto instrumento mais eficiente às necessidades em sala. A linguagem dos livros serve muito mais os professores e principalmente os que não possuem formação em sociologia/ciências sociais, ao invés de serem pensados para os alunos.

Com relação à legitimação da disciplina, para VARGAS (2013, p. 04), “Nas escolas, essa ausência histórica se reflete não só na falta de professores e na dificuldade de encontrar estratégias pedagógicas adequadas, mas na limitada ‘legitimidade’ da mesma no interior do espaço escolar”. Muitas vezes essa dificuldade se dá pelo fato de que a disciplina é concebida também através de “preconceitos ideológicos” e “conjecturas políticas”, a ligação direta entre sociologia e socialismo, SOUZA (2017, p. 36). Ainda segundo o autor, as disputas entre licenciatura e bacharelado não contribuíram em nada para o fortalecimento do ensino e formação do que viria a se tornar professor de sociologia, enquanto o bacharel produz conhecimento, o licenciado reproduz.

A separação entre pesquisador e professor ainda acontece nos dias atuais e é mais um entre os demais problemas que classifico como “internos” para o fortalecimento da disciplina. Para os licenciados em ciências sociais/sociologia, a luta começa com a falta de vagas no mercado de trabalho, o que já coloca a profissão num lugar de desprestígio e pouco interessante para quem deseja fazer curso superior. Ultrapassada essa barreira, as dificuldades em realizar o estágio curricular é um problema que muitos

enfrentam pelo simples fato de que não existe ou são poucos os professores formados em ciências sociais/sociologia nas escolas da rede pública de ensino, da falta de materiais didáticos ou manuais que auxiliam na preparação e execução das aulas, entre tantos outros que acabam dividindo as atenções.

Em grande parte dessa atenção, os pesquisadores ficam voltados para a confirmação e explanação dos problemas enfrentados, mas poucos deles se debruçam sobre os bons resultados, não como mera descrição de experiências de sucesso, mas com metodologias práticas que orientem como fazer, não como um modelo engessado de manual para o ensino, mas como uma ferramenta que permita que o(a) professor(a) possa usá-la em sua realidade de ensino e dos estudantes em questão. Para SOUZA,

Face sua intermitência no currículo escolar, descompasso com seu campo científico gerador e competição com outras fontes de saber, a prática de ensino e metodologia de sociologia vem acumulando dificuldades, e uma das principais, repousa na confecção e utilização de manuais, ou seja, livros didáticos. (2017, p. 46 e 47)

A preocupação por parte dos docentes em possibilitar uma formação qualificada aos educandos parte da convicção de que a sociologia não prepara os estudantes apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade. Nas palavras de MACHADO:

O ensino da sociologia permite aos educandos a compreensão da Sociedade Brasileira de hoje – seu processo político, economia política, inserção internacional, problemas sociais, processo cultural, movimentos sociais, correntes ideológicas, partidos políticos etc., mas não como realidade soltas, justapostas ou estéreis, e sim como uma totalidade, em seu funcionamento e em suas contradições; complexa mas não incompreensível; com sua história passada mas também com sua lógica atual de funcionamento e suas contradições o (que apontam para o futuro). Permite-lhes a apresentação e apreensão efetiva – ainda que em nível médio – de um corpo conceitual mínimo de análise dessa sociedade, não de modo descritivo, fotográfico ou factual, mas sim de modo mais crítico, científico e penetrante. Permite aos estudantes terem não só com ciência viva da profundidade e gravidade dos problemas e injustiças presentes na sociedade brasileira de hoje, mas também – e principalmente – a compreensão das principais teorias políticas que propõe alternativas de para onde transformar. Essa sociedade de quem (ator social) deverá transformá-la e de como transformá-la. –

Correspondendo ao que se ensina nas faculdades de Ciências Sociais a sociologia assim concebida é obviamente insubstituível para a formação do cidadão: não de indivíduos omissos, submissos ou despolitizados, mas sim de cidadãos realmente comprometidos com a luta pela democratização econômica, política e cultural do país. (1980, 115 e 116)

Com tudo já dito, não há dúvidas quanto à relevância do ensino de sociologia no ensino médio, ao menos por parte dos pesquisadores da área, mesmo considerando os problemas para efetivação da mesma. Alinhada a defesa do ensino de sociologia, defendo a proposta de que esse ensino seja com base na alfabetização científica e isso já no ensino médio, para alcançar essa formação supracitada por MACHADO (1980). A sociologia como uma ciência que, munida de contribuições das outras ciências, pode ser utilizada para essa alfabetização de forma qualificada.

Se olharmos, por exemplo, as chamadas ciências humanas – a sociologia, a economia, a educação – e considerarmos as relações delas com as chamadas ciências naturais e a elas adicionarmos outros ramos das ciências, teremos a ciência, cada vez mais marcada por múltiplas interconexões. (CHASSOT, 2003, p. 92)

CHASSOT (2003, p. 93) defende uma alfabetização científica dentro da perspectiva da inclusão social. O que torna esse tipo de questão muito interessante para análise. Se observarmos a diferença entre os estudantes que passaram por algum grupo de pesquisa ou tiveram acesso à iniciação científica júnior (ICJ), fica evidente o quanto esse tipo de formação faz diferença na vida do estudante, a aquisição de ferramentas torna-os mais/melhor preparados para lidar com as etapas iniciais do processo de inserção no ensino superior e mudança de perspectiva de vida, por exemplo. Para CHASSOT (2003, p. 94), “seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitada a leitura do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo – e, preferencialmente, transformá-lo em algo melhor.”

Nesse sentido, pretendo apresentar, na segunda parte deste trabalho, as discussões sobre alfabetização científica e como a sociologia se encaixa nesse processo. Apresento esse diálogo como algo necessário para apresentar outras possibilidades para o ensino de sociologia no ensino médio. Discussão que não é nova nas ciências

*hard*, porque já discutem há tempos, mas que ainda pouco se discute nas ciências sociais, ou chamadas ciências *soft*.



## CAPÍTULO 2

### EDUCAÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade. Esta distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade. (BOAVENTURA, 2008, p. 61)

Início esta parte do trabalho com uma citação pela qual busco justificar o fato de que não me debruçarei sobre o debate dicotômico entre ciências naturais *versus* ciências sociais, partirei, mesmo que de forma sucinta, para a discussão sobre educação científica a partir das aulas de sociologia no ensino médio, considerando que os objetivos propostos neste trabalho já trarão contribuições sobre o debate que, ainda hoje, suscita muitas pesquisas.

Com isso, mesmo considerando todas as dificuldades para o ensino de sociologia (algumas delas já retratadas na primeira parte deste trabalho), a discussão a seguir visa tratar sobre a alfabetização científica como uma possibilidade para o ensino de sociologia na educação básica. Para isso, cabe destacar o que é alfabetização científica e qual a proposta para utilização dessa perspectiva nas aulas de sociologia.

Para Chassot (2000, p. 19), Alfabetização Científica é “o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem”. Considerando que essa leitura pode agradar ou desagradar, sendo a segunda opção a mais provável que aconteça, se considerado que a realidade da maioria dos estudantes do ensino médio é perpassada por injustiças sociais e inúmeras violências que os limitam ou impedem de ampliar seus horizontes e possibilidades para um bem viver. Nesse sentido, cabem não só a leitura do mundo em que vivem, mas segundo o próprio Chassot (2003, p. 23), em sua ampliação do conceito de Alfabetização Científica, “seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitada a leitura

do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo – e, preferencialmente, transformá-lo em algo melhor”. Assim, alfabetizar cientificamente é aproximar os educandos de uma leitura, visão e linguagem científica utilizando como referencial de análise da própria realidade, isso permitiria o exercício sociológico mais significativo para a formação dessa juventude crítica e para o entorno porque a parte significativa dos estudantes mora nas proximidades da escola.

Pensar a produção científica no ensino médio se comparado ao formato do que vem sendo feito nas universidades é algo impossível de ser realizado, mas salvando as devidas proporções, será que alfabetizar cientificamente os educandos a partir dos conteúdos de sociologia não pode ser realizado? Segundo Oliveira (2012, p. 2),

[...] no Brasil, são raros os programas de Iniciação Científica, voltados para o Ensino Médio, visto que poucas instituições oferecem a possibilidade de alunos iniciarem sua vida acadêmica nesse nível de ensino, na área das humanas. (...) Praticamente todas as produções sobre educação científica que consultei, referem-se apenas à sua aplicação ao ensino de ciências. O termo aqui faz referências às ciências, como sendo matemática, química, física e biologia, logo, excluindo desse escopo, as ciências humanas. É interessante notar que o país tem focado os seus – ainda poucos – esforços na formação de intelectuais que dominem as tais “ciências” e tem relegado as ciências humanas ao esquecimento.

“O reconhecimento desta importância crescente atribuída à educação científica, exige um estudo atento de como conseguir tal objetivo e, particularmente, de quais são os obstáculos que se opõem à sua execução.” (CACHAPUZ, 2005, p. 20) E, se tratando da sociologia, o curso que se impõe é, primeiramente, defender que sociologia é uma ciência, depois defender a importância da permanência do ensino de sociologia na educação básica, tratar sobre a falta de concurso que absorva os professores com formação na área para assumir essa disciplina (delegando a qualquer professor da área de humanidades a lecionar essa disciplina para preencher sua carga horária), para depois provar que é possível pensar em educar cientificamente os educandos a partir dessa ciência social, já que ainda hoje o ensino de ciência é pensado majoritariamente para as exatas. Por essa razão, ao mesmo tempo que pensamos em educar cientificamente o alunado, precisamos repetidamente “provar” sua relevância e ir ponto

a ponto apresentando o cenário, os problemas e sugestões de resolução, para, ao final, tratar da alfabetização como uma possibilidade para as aulas de sociologia. Assim, uma questão que chega ao mesmo momento enquanto necessidade para efetivação desse pensamento também é a formação do professor.

[...] acredita-se que a formação do professor pesquisador, que possibilita a construção dessas habilidades científicas durante o processo de formação, com a articulação entre o estágio e a pesquisa, poderá contribuir para a educação científica; e, conseqüentemente, a postura desse professor, no cumprimento de sua profissão, contribuirá, tanto para si, quanto para seu alunado, na formação do senso crítico, reflexivo e científico - elementos imprescindíveis na construção da cidadania. (OLIVEIRA; GONZAGA, 2012, p. 694)

Para que o professor consiga realizar esse efeito, ele próprio precisa ter uma formação que o permita atuar com segurança e qualidade nessa alfabetização científica, porque ao sinal de fragilidade ou falta de propriedade no que se objetiva fazer nas aulas, a única garantia que o professor terá é a do fracasso e desinteresse dos estudantes pela disciplina. Para Moreira (2006, p.11),

Em contrapartida, são condicionantes para o desenvolvimento científico e tecnológico do país, a formação de profissionais qualificados em número suficiente e seu aproveitamento adequado, além do aumento do conhecimento científico e do interesse pela ciência e tecnologia entre a população em geral e, em particular, entre jovens.

Pensar a alfabetização científica na educação básica diz muito mais do que a mera inclusão de métodos e técnicas ou mistura de substâncias químicas. Incluir discussões, aguçar o raciocínio lógico, entre outras coisas, permite a formação cidadã desses jovens que, de maneira recorrente, sofrem violações de seus direitos e o não exercício de uma cidadania plena.

O significado social e cultural da ciência como atividade humana, socialmente condicionada e possuidora de uma história e de tradições, fica muitas vezes camuflado nas representações escolares e em muitas atividades de divulgação, particularmente na mídia. Falar de inclusão social no domínio da difusão ampla dos conhecimentos científicos e tecnológicos e de suas aplicações compreende, portanto, atingir não só as populações pobres, as dezenas de milhões de brasileiros em tal

situação, mas também outras parcelas da população que se encontram excluídas no que se refere a um conhecimento científico e tecnológico básico. A razão principal para o presente quadro reside na ausência de uma educação científica abrangente e de qualidade no ensino fundamental e médio do país. (MOREIRA, 2006, p. 11)

Segundo apresentado por TAHA, LOPES, SOARES e FOLMER (2016), existe no Brasil a necessidade de qualificar mão de obra para o mercado de trabalho, e foi a partir dessa necessidade que foi iniciado o movimento para inserção de laboratórios e ensino de ciências nas escolas. Mas, um dos problemas encontrados foi a falta de qualificação dos professores. Como teríamos sucesso no ensino científico e tecnológico sem que os professores fossem preparados para tal, compreendendo que não havia preocupação com a aprendizagem significativa dos alunos.

Um erro fundamental foi/é pensar que a falta de uma educação científica e tecnológica se dá pela falta de equipamentos e se resolveria com a compra de equipamentos e construção de laboratório, não pensaram na base, e essa base são os professores, porque a ferramenta só pode ser usada se quem for manusear souber como. Se isso é claramente pensado para as disciplinas das ciências naturais, o mesmo pode-se pensar para o caso das ciências sociais, como orientar os educandos quanto às abordagens qualitativas e quantitativas, por exemplo, se o professor regente não tem uma formação sólida sobre como orientar seus educandos, porque não basta falar o que é, mas é preciso mostrar, experimentar as aplicações dessas informações.

Para os propósitos da sociologia que busca desnaturalizar e problematizar a realidade social, pensar numa educação a partir da alfabetização científica é colocar em prática o que a disciplina propõe. Permitindo que os alunos possam desnaturalizar a realidade que vivem e problematizar os problemas diários impostos a si. Conforme apresentado por CACHAPUZ (2005, p. 22), apud REID e HODSON (1993), foram traçadas questões que podem contribuir para uma educação científica, em destaque, trago quatro dos oito pontos defendidos pelos autores e que a sociologia pode, de longe, contribuir, são eles:

- Saberes e técnicas da ciência - Familiarização com os procedimentos da ciência e a utilização de aparelhos e instrumentos;

- Aplicações do conhecimento científico - a utilização de tal conhecimento em situações reais e simuladas.
- Questões sócio-econômico-políticas e ético-morais na ciência e na tecnologia;
- Estudos da natureza da ciência e a prática científica - Considerações filosóficas e sociológicas centradas nos métodos científicos, o papel e estatuto da teoria científica e as atividades da comunidade científica.

Como aplicação dos elementos propostos acima, partindo dos clássicos da sociologia, pode-se pensar diferentes abordagens e discussões sobre os problemas sociais e as possíveis investigações científicas. Tratar de temas como o suicídio, que ainda é um tabu, mas que acomete uma parcela significativa da população brasileira e que é uma realidade muito próxima dos jovens<sup>13</sup>, utilizando do livro “O Suicídio”, de Emile Durkheim (considerado um dos pais fundadores da sociologia, é uma referência básica), como um exemplo de pesquisa científica e sociológica para, a partir disso, introduzir discussões sobre metodologias, técnicas de pesquisa, instrumentos, orientar e aplicar pesquisa na comunidade do entorno da escola ou até mesmo dentro da mesma... inclusive, trabalhar de forma interdisciplinar com matemática e redação sobre estatística e redação de relatos de vida/experiência.

Se olharmos, por exemplo, as chamadas ciências humanas - a sociologia, a economia, a educação - e considerarmos as relações delas com a chamada ciências naturais e a elas adicionarmos outros ramos das ciências, teremos a ciência, cada vez mais marcada por múltiplas interconexões. (CHASSOT, 2003, p. 92)

As possibilidades para alfabetizar cientificamente os educandos podem partir de experimentações também, dentro ou fora do espaço escolar. As experimentações podem ser realizadas seguindo o proposto na experimentação investigativa, conforme apresentado por TAHA, LOPES, SOARES e FOLMER:

a prática deve organizar experimentos para coletar dados, fazer interpretações e análises, observar e compilar resultados. os alunos devem ter conhecimentos prévios sobre a atividade, sem, no entanto, dar-lhes o conteúdo conceitual, esses devem ser construídos nas discussões

---

<sup>13</sup> Conforme apresentado no site da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia a partir da pesquisa realizada pela OMS. Matéria publicada dia 10 Set. 2020, disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-caoa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/>. Acesso em 14 fev. 2021.

dos resultados, para eles esse tipo de abordagem motiva os alunos. A atividade experimental investigativa tem o mesmo caráter da investigação científica: faz o levantamento do problema, elabora hipóteses, realiza o experimento para comprovar suas hipóteses e organiza os resultados para fazer suas próprias conclusões. (2016, p. 142)

São justamente as questões de ordem prático-científica que contribuem para mudança de perspectiva sobre a relevância da sociologia no ensino. Até para um iniciante na área, um graduando, ouvir falar que a sociologia não serve para nada ou que ela não ajuda para realização das grandes avaliações, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ou que em nada contribui no mercado de trabalho, é a coisa mais comum e rotineira de ouvir. Mas, se a sociologia for trabalhada como ciência, como realmente é, e dela os educandos puderem extrair explicações dos problemas que enfrentam ou conseguirem compreender seu papel na sociedade em que estão inseridos, será que essa visão de que a Sociologia não serve para nada não mudaria? Será que isso não traria a respeitabilidade que a disciplina merece? Se colocarmos as ciências sociais e humanas no lugar que, segundo Boaventura (2008), é um lugar necessário para aplicação das ciências exatas, muito dessa deslegitimação poderia ser abalada.

[...] numa reflexão mais aprofundada, atentarmos no conteúdo teórico das ciências que mais têm progredido no conhecimento da matéria, verificamos que a emergente inteligibilidade da natureza é presidida por conceitos, teorias, metáforas e analogias das ciências sociais. Para não irmos mais longe, quer a teoria das estruturas dissipativas de Prigogine quer a teoria sinérgica de Haken explicam o comportamento das partículas através dos conceitos de revolução social, violência, escravidão, dominação, democracia nuclear, todos eles originários das ciências sociais (da sociologia, da ciência política, da história etc.). (BOAVENTURA, 2008, p. 66)

No contexto mais atual, estamos em plena pandemia ocasionada pelo sars-cov-2, e assim como os infectologistas, bioquímicos, biomédicos, entre outros profissionais, ou melhor dizendo, entre outros cientistas, os sociólogos são chamados a pensar e explicar outros aspectos que estão sendo gerados pela pandemia. Os impactos sociais, raciais, culturais e econômicos são questões fundamentais para a sociedade e que precisam ser abordados para que a condução em busca da resolução desse problema

mundial seja resolvida e considerando as diferentes camadas sociais. Inclusive, o debate sobre a falta de preparo e planejamento das instâncias governamentais ligadas à educação, por ainda não terem pensado alternativas para reduzir os impactos negativos na vida de milhares de estudantes da rede pública de ensino, a exemplo disso, podem ser verificados os resultados do ENEM, seja pela falta de preparo ou pelo número recorde de estudantes ausentes no dia do exame, cerca de 51,5%<sup>14</sup>. Não ignorando nenhuma contribuição que possa ser dada por diferentes profissionais, são os sociólogos os mais habilitados para pensar esses efeitos.

Pode-se pensar também que os resultados dessas ações de promoção da alfabetização científica é a popularização da ciência, porque na medida que os educandos sigam os processos teóricos e metodológicos introjetados em suas práticas escolares e até mesmo nos momentos de socialização fora do espaço escolar, esse tipo de conhecimento, que antes era restrito à academia, passa a fazer parte do dia a dia dos educandos.

Com tudo dito, pensar na alfabetização científica a partir de uma disciplina científica é algo normal, aceitável e até esperado quando essa disciplina está dentro da caixa das ciências naturais, mas quando a disciplina compõe a caixa das ciências sociais, como é o caso da sociologia, isso causa espanto e coloca os cientistas sociais na condição de comprovar a cientificidade da sociologia se desejarem por algum motivo reivindicar o *status* de ciência, coisa que vem sendo realizada desde o século XIX com um dos pais fundadores, Emile Durkheim (1990), através de sua obra “As Regras do Método Sociológico”. Nesse sentido, a terceira parte deste trabalho buscará apresentar discussões sobre uma forma de experimentação científica, a experimentação problematizadora, que pode ser utilizada para o fim proposto neste trabalho, alfabetizar cientificamente através das aulas de sociologia no ensino médio.

---

<sup>14</sup> Esses dados podem ser verificados através do *site* Todos pela educação, disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/aplicacao-do-enem-2021-e-mais-um-dos-descasos-de-um-mec/> Acesso: 22 jan. 2021.

### CAPÍTULO 3

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário”. (FREIRE, 1996, p. 14)

#### **A EXPERIMENTAÇÃO PROBLEMATIZADORA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

Após tratar de maneira geral e resumida sobre o ensino da sociologia na primeira parte do trabalho e sobre alfabetização científica na segunda, seguem agora algumas discussões sobre a possibilidade de pensar a experimentação problematizadora como um caminho metodológico que pode auxiliar nas aulas de sociologia no ensino médio. A descrição desse tipo de experimentação pode ajudar muitos docentes em suas práticas se os mesmos conseguirem explorar as aplicações dos procedimentos de realização da experimentação à luz da sociologia.

Para iniciar as explanações sobre a experimentação problematizadora, ressalto que a referida experimentação é comumente utilizada para o ensino da química e da física a partir das contribuições de dois autores, fundamentalmente, Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido” (1987), utilizando as orientações para uma educação problematizadora, e por Demétrio Delizoicov (2005), em “Conhecimento, Tensões e Transições”, a partir das contribuições sobre os momentos pedagógicos, (FRANCISCO Jr.; FERREIRA; HARTWIG, 2008 p. 34). Cabe frisar que a experimentação proposta é uma metodologia de ensino e na tentativa de compreender como a ela poderia contribuir para este trabalho, foi necessário compreender o que Paulo Freire concebia como uma educação problematizadora e quais eram esses *momentos pedagógicos* apresentados por Demétrio Delizoicov para, em seguida, identificar as aplicações dessa experimentação. Nesse sentido, no decorrer deste capítulo serão apresentadas, de forma entrelaçada, ambas as concepções supracitadas e as percepções concebidas por mim.



Cabe frisar que nas pesquisas bibliográficas realizadas em busca de referências que pudessem fortalecer essa proposta de experimentação para as aulas de sociologia não foi localizada nenhuma que tratasse sobre o tema especificamente. Compreendo que essa perspectiva de experimento seja muito pensada para ensino- aprendizagem nas ciências naturais, e, segundo Francisco Jr.; Ferreira, Hartwig (2008 p, 34), “Parece consenso entre pesquisadores e professores das ciências naturais que as atividades experimentais devem permear as relações ensino-aprendizagem [...]”, mas se tratando da sociologia, pensar em experimentações me parece ser algo distante de tornar-se foco de investigações no subcampo de ensino de sociologia. Porém, conforme descrição e argumentação sobre a experimentação problematizadora, pode-se estender seu uso nas aulas de sociologia no ensino médio sem nenhuma subtração ou perda, para isso, as discussões que seguem partem da defesa de experimentações como possibilidades reais para o ensino de sociologia. Longe de querer ser “acusada<sup>15</sup>” de positivista, essa proposta deve ser entendida muito mais como uma defesa da sociologia enquanto ciência e uma tentativa de apresentar condições para seu exercício no ensino médio. Então, a possibilidade de trabalhar com experimentações é uma realidade a ser considerada mesmo que para o ensino de sociologia ou das ciências sociais como um todo.

A experiência científica é orientada e mesmo valorizada pelo enquadramento teórico do sujeito, que em diálogo com ela, a questiona, a submete a um interrogatório, de respostas não definitivas. A experiência enquadra-se num método pouco estruturado, que comporta uma diversidade de caminhos, ajustando-se ao contexto e à própria situação investigativa. Os seus resultados são lidos como elementos (possíveis) de construção de modelos interpretativos do mundo e não cópias (e muito menos fiéis) do real. (CACHAPUZ, 2005, p. 98)

Segundo Taha, Lopes, Soares e Folmer (2016), existem vários tipos de experimentações para o ensino de ciências, no artigo identificam quatro, os mesmos apresentam resumidamente o seguinte: A **experimentação Show** apresenta enquanto forma de atrair a atenção, despertar curiosidade, mas não aprofunda a compreensão. Segundo citação, é motivadora. A atividade **experimental ilustrativa** serve para

---

<sup>15</sup> Entre os cientistas sociais, ser acusado de ser positivista é uma questão tensa.

demonstrar conceitos já discutidos, união da teoria com a prática. Na **experimentação investigativa** a prática deve organizar experimentos para coletar dados, fazer interpretações e análises, observar e compilar resultados. **Experimentação Problematizadora**, essa perspectiva tem o objetivo de ir além da investigação e deve ser capaz de instigar uma curiosidade mais ampla nos alunos, despertando uma criticidade em relação à transferência do conhecimento.

Essa última, a Experimentação Problematizadora, é a que de longe identifiquei com potencial para ser utilizada nas aulas de sociologia. Compreendo em primeira instância que a dicotomia entre liberdade e dominação se dá dentro das definições, respectivamente: a educação problematizadora e a educação bancária, segundo apresentadas por FREIRE (1987),

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação. Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (p. 44)

De forma mais detalhada, quando apresentados os passos para desenvolvimento da experimentação problematizadora, as orientações são facilmente compreendidas como as etapas para realização de processo de investigação científica, salvo as devidas proporções no que tange o que é possível ser realizado no ensino médio e na formação superior, a sequência de três ações que estão dentro do que foi denominado por Delizoicov (2005, *apud* Delizoicov, 1991, p. 12) de “momentos pedagógicos”, para sua execução, a **Problematização Inicial**:

Apresentam-se situações reais que os alunos conhecem e presenciam, e que estão envolvidas nos temas, e que também exigem a introdução dos conhecimentos contidos nas teorias físicas para interpretá-las. Neste momento problematiza-se o conhecimento que os alunos vão expor, de modo geral, a partir de poucas questões propostas, inicialmente discutidas num pequeno grupo, para após explorarem-se as posições dos vários grupos com toda a classe, no grande grupo. Neste primeiro momento, caracterizado pela apreensão e compreensão da posição dos

alunos frente às questões em pauta, a função coordenadora do professor se volta mais para questionar posicionamentos, inclusive fomentando a discussão das distintas respostas dos alunos, e lançar dúvidas sobre o assunto, do que para responder ou fornecer explicações. Deseja-se aguçar explicações contraditórias e localizar as possíveis limitações do conhecimento que vem sendo expressado, quando este é cotejado com **o conhecimento de física que já foi selecionado para ser abordado**. Em síntese a finalidade deste momento é propiciar um distanciamento crítico do aluno ao se defrontar com as interpretações das situações propostas para discussão. O ponto culminante desta problematização é fazer com que o aluno sinta a necessidade da aquisição de outros conhecimentos que ainda não detém, ou seja, procura-se configurar a situação em discussão como um problema que precisa ser enfrentado. (p. 12, grifo do autor)

Se pensarmos na substituição do trecho grifado pelo autor acima por “o conhecimento de sociologia que já foi selecionado para ser abordado”, todo o restante da orientação apresentada para realização da primeira fase da experimentação seria realizada, a ideia é fazer perguntas e lançar questões que possa conduzir os educando para se perguntarem mais sobre as coisas e realidades já naturalizadas como corretas ou ideais. Já para o segundo momento, foi descrito como **Organização do Conhecimento**:

Os conhecimentos selecionados como necessários para a compreensão dos temas e da problematização inicial são sistematicamente estudados neste momento sob a orientação do professor. As mais variadas atividades são empregadas neste momento de modo que o professor possa **desenvolver a conceituação física identificada como fundamental para uma compreensão científica das situações que estão sendo problematizadas**. É neste ponto que a resolução de problemas de lápis e papel pode desempenhar sua função formativa na apropriação de conhecimentos específicos. (p. 13, grifo meu)

Seguindo o mesmo sentido do primeiro grifo realizado pelo autor (quando especifica a aplicação da metodologia na física), ressaltai esse trecho para suscitar o diálogo que pode ser feito com a sociologia, que a partir de recortes sobre classe social, suicídio, raça, cultura, entre outros, pode-se trazer algumas referências<sup>16</sup> da sociologia para dialogar, respectivamente: Karl Marx, Emille Durkheim, Kabengele Munanga, Roque

---

<sup>16</sup> Todas incluídas nas Referências deste trabalho e que podem ser encontradas e trabalhadas as discussões utilizando o livro didático: Sociologia em movimento. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2016

Laraia, tudo isso a partir do diálogo realizado no primeiro momento, já que os pontos para realização da experimentação devem considerar o interesse do alunado. Na terceira e última etapa desse processo, ocorre a **Aplicação do Conhecimento**:

Destina-se, sobretudo, a abordar sistematicamente o conhecimento que vem sendo incorporado pelo aluno para analisar e interpretar tanto as situações iniciais que determinaram seu estudo, como outras situações que, embora não estejam diretamente ligadas ao motivo inicial, podem ser compreendidas pelo mesmo conhecimento. Do mesmo modo que no momento anterior as mais diversas atividades devem ser desenvolvidas, buscando a generalização da conceituação que foi abordada no momento anterior, inclusive formulando os chamados problemas abertos. A meta pretendida com este momento é muito mais a de capacitar os alunos a ir empregando os conhecimentos na perspectiva de formá-los a articular constante e **rotineiramente a conceituação física com situações reais, do que simplesmente encontrar uma solução ao empregar algoritmos matemáticos que relacionam grandezas físicas. Independentemente do emprego do aparato matemático disponível para se enfrentar esta classe de problemas, a identificação e emprego da conceituação envolvida, ou seja, o suporte teórico fornecido pela física é que está em pauta neste momento. É o potencial explicativo e conscientizador das teorias físicas que deve ser explorado.** (p. 13, grifo meu)

Já nesta fase da aplicação do conhecimento, a partir do grifo realizado por mim, pode-se compreender que é a etapa que, além contribuir para ampliação ou mudança de perspectivas do educando, possibilita criticidade sobre os aspectos da vida do mesmo em interface às teorias sociológicas – o que permitirá o exercício da cidadania por parte desses sujeitos. E mesmo que essa experimentação possua maior uso pelas ciências da natureza, nenhum aspecto descrito para a realização dela limita seu uso ou impossibilita que a sociologia faça uso. As ações e incitações que a experimentação problematizadora possibilita podem ser provocadas nas aulas de sociologia sem nenhuma deformação. Para Francisco Jr., Ferreira, Hartwig:

A atividade experimental problematizadora deve propiciar aos estudantes a possibilidade de realizar, registrar, discutir com os colegas, refletir, levantar hipóteses, avaliar as hipóteses e explicações, discutir com o professor todas as etapas do experimento. Essa atividade deve ser sistematizada e rigorosa desde a sua gênese, despertando nos alunos um pensamento reflexivo, crítico, fazendo os estudantes sujeitos da própria aprendizagem. Para tanto, se acredita que a escrita é um aspecto fundamental. (2008, p. 36)

Nesse sentido, o planejamento das aulas precisa ser realizado previamente e com alinhavos que permitam seu desenvolvimento de maneira orgânica, que os alunos possam saber como organizar o conhecimento adquirido a partir de uma aprendizagem significativa, colaborativa, porque a ideia é que o educando possa desenvolver a experimentação coletivamente a partir de problemas relevantes socialmente (seja sobre lazer, segurança, alimentação, violência, ou qualquer outra que surja das discussões em sala). Mas acrescento que esses “problemas relevantes” devem considerar a realidade dos educandos, para isso, é preciso pensar cuidadosamente nas primeiras aulas, como o momento para extrair elementos para nortear as aulas seguintes e as possibilidades para realizar as experimentações. Não desconsiderando que a metodologia ideal é a que melhor se adequa aos objetivos que se pretende alcançar e que atenda às diversas formas de aprendizagem. Outro ponto importante é pensar num plano de ensino mais detalhado, pensado aula a aula com indicações de referências e com orientação de como o professor deve conduzir as aulas, isso, para um recém-formado ou para um professor não formado em ciências sociais ou sociologia, é de grande importância.

A inovação que esta proposta carrega vem do fato de perceber o quanto a experimentação problematizadora pode contribuir enquanto uma metodologia no ensino da sociologia, com base nos pressupostos já apresentados na segunda parte deste trabalho onde trato da alfabetização científica e considerando os fundamentos da experimentação nessa terceira parte, que compõe a proposta da educação problematizadora de Paulo Freire (1987).

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação. Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (p. 44)

Vale colocar que é conhecida a situação de precariedade da maior parte das escolas

públicas do Estado<sup>17</sup>, e isso é expresso também pela falta de materiais básicos e necessários para o bom funcionamento da escola e realização das aulas, a falta de investimento nos profissionais que, em muitos casos, arca com as despesas pertinentes aos instrumentos/materiais de trabalho como pincel atômico e apagador, folhas de ofício... Ao mesmo tempo que, conhecendo essa realidade, não se pode abrir mão de fazer um bom trabalho, de pensar em alternativas, mesmo que elas sejam a efetivação de enfrentamento político ou de mobilizações coletivas e de rua<sup>18</sup>. Já que, diferentemente das outras disciplinas, a cadeira de sociologia não é fixa e a sua permanência depende da incessante luta para comprovar sua relevância na formação dos sujeitos.

Esses sujeitos, com perfil majoritariamente composto de jovens, negros e moradores de bairros periféricos, são capazes de perceber a realidade em sua volta e se indignar com o que veem e essa indignação pode ser melhor conduzida se forem apresentadas formas de compreender as causas das situações que os indignam e nisso o processo de alfabetização científica, se for utilizar dessa realidade para extrair questões possíveis de serem experimentadas, será possível atrair o interesse, e depois, o engajamento para realização da atividade e alterações comportamentais que possam ser compreendidas como efeitos práticos da aplicação de consciência de seu (alunado) papel social. Não acreditar na possibilidade de alfabetizar cientificamente esses mesmos educandos pode ser classificado de formas variadas e listadas as dificuldades, mas não é impossível de ser realizado. Nas palavras de FREIRE (2000, p. 37),

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos **constatando** apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica **decisão, escolha, intervenção** na realidade. Há perguntas a

---

<sup>17</sup> Posso falar com mais propriedade sobre as escolas de Salvador, mas não acredito que seja diferente de outros Estados justamente pelas produções científicas sobre o assunto e que podem ser encontradas nos Cadernos da ABECS já citados.

<sup>18</sup> Algumas ações mais recentes realizadas em defesa do ensino de sociologia no ensino médio podem ser verificadas no site oficial da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais disponível em: <https://abecs.com.br/proteto-da-abecs-na-secretaria-de-educacao-sec-do-estado-da-bahia-em-defesa-da-sociologia-e-da-filosofia-no-ensino-medio/> Acesso em 14 de dez 2019. e em outros canais como no Jornal Grande Bahia: Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2019/05/abecs-atua-na-defesa-do-ensino-de-sociologia-no-estado-da-bahia/> Acesso em 10 de mai 2019.

serem feitas insistentemente por todos nós que nos fazem ver a impossibilidade de **estudar** por **estudar**. (grifo meu)

Essa neutralidade não existe, os educandos têm preferências, se enfurecem e agem de acordo com o que desejam, mas é lhe dada a possibilidade de entender o funcionamento da sociedade em que vivem? Não podemos achar que eles não sentem ou percebem as violências nas quais são expostos. Um simples passeio entre amigos pelo *shopping* não passa despercebido pelos seguranças do local. Fazer *cooper*, usar determinadas roupas ou não possuir sequer condições de moradia, alimentação digna..., será que passa despercebido por esses jovens? Então, será que não seria possível discutir raça e classe social a partir de orientações que conduzam a realização de pesquisas escritas, discussões orais e apresentação dos achados? Não há por que castrar a curiosidade do educando, se os mesmos forem instruídos minimamente de como olhar para a realidade social e terem as ferramentas para intervir nela, o exercício da cidadania pode ser alcançado em sua plenitude.

Diante de tudo que foi exposto nos capítulos anteriores e encerrando com as observações realizadas neste, apresento em seguida as considerações finais acerca do trabalho realizado. Vale sinalizar que foram pensados alguns planos para realização das experimentações nas aulas de sociologia, inicio com a ementa da disciplina apresentando o objetivo que é: Alfabetizar cientificamente estudantes do ensino médio através da Experimentação Problematizadora com o tema Cidadania e Direitos Humanos. Depois sigo com doze propostas de plano de aula para que através das indicações metodológicas que as classifico como metodologias de ação, referências com linguagem mais acessível para a realidade dos educandos e propostas de aplicação aula a aula, seja possível alcançar o objetivo deste trabalho.

Por fim, saliento que pela falta de oportunidade em testá-las, constará no apêndice para que possam ser testadas *a posteriori* e, quem sabe, melhoradas através de outras investigações de pesquisadores que se interessem pela mesma questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os golpes sofridos pela sociologia e que provocaram sua intermitência e desvalorização seja no mercado de trabalho ou no imaginário social, as dificuldades de ordem estrutural (nesse caso, também são enfrentadas por professores das outras áreas formativas) e constantes ataques de ordem política, mesmo com esse cenário complicado, essas circunstâncias não foram suficientes para apagar a relevância da sociologia na formação dos educandos. E com base na costura apresentada nos três capítulos deste trabalho, posso concluir que a sociologia no ensino médio é uma disciplina que possibilita a instrumentalização dos educandos para uma atuação cidadã, consciente de seus direitos e deveres para a vida em sociedade, ao mesmo tempo que contribui para a formação de futuros profissionais no que tange a ampliação do discernimento sobre aspectos metodológicos que perpassam a realização de diferentes questões, seja de ordem da investigação científica, seja por ajudar no raciocínio lógico aplicável em todos os âmbitos da vida. Ao mesmo tempo que as responsabilidades dos professores são pontuais e restrito ao âmbito educacional pelo qual estão legalmente constituídos. São as instituições sociais e políticas em execução de suas obrigações em sua plenitude que podem efetivamente melhorar ou mudar a realidade de vida dos seus cidadãos. Sendo assim, a sociologia pode efetivamente contribuir para a alfabetização científica no ensino médio se utilizado as referências, técnicas e metodologias específicas para esse fim, seguindo na contramão do que vem sendo realizado na maioria dos casos, que é uma sociologia excessivamente teórica e apartada da vida e realidade dos educandos. Se a mesma for realizada de forma científica, orientando os educandos quando à prática investigativa da realidade social que estão inseridos, sua relevância social será observada dentro e fora dos muros da escola e os ataques conferidos a sociologia (como disciplina que atua para partidarizar os educandos), não ecoarão com tanta força entre os professores das outras áreas de conhecimento, pelos educandos e pela sociedade em geral. Ações estas, que visam fortalecer as falácias e buscam deslegitimar a disciplina e manter a população naturalizando o que não é natural e se conformando com o que na realidade deveria problematizar, mantendo-se longe do exercício de uma cidadania plena.



## REFERÊNCIAS

AHLERT, Alvori. Ética e Direitos Humanos: princípios educacionais para uma sociedade democrática. Nômades, **Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas**, 16. 2007

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de sociologia**: pequena introdução ao estudo da sociologia geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935

BODART, Cristiano das Neves; LIMA, Wenderson Luan dos Santos. O Ensino de Sociologia no Brasil. 1 ed. v.1, Maceió: Ed. **Café com Sociologia**, 2019.

\_\_\_\_\_. IN: BODART, Cristiano das Neves; LIMA, Wenderson Luan dos Santos. **Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no ensino médio brasileiro?**. Cap. 2, p.35

BODART, Cristiano das Neves; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Breve balanço do subcampo “ensino de ciências sociais” no Brasil e o papel da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais - ABECS. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**. v.1, n.1, p.1-10, Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/issue/view/1> Acesso em 15 de jun de 2019.

CACHAPUZ. Gil-Perez, D; PESSOA de C. A. M; PRAIA, J; VILCHES, A. (Org). (2005). **A necessária renovação do ensino das ciências**. São Paulo: Cortez.

CASSAL, Luan Carpes Barros. Questões de gênero. **Revista Sociologia**. Editora Escala, São Paulo. Ano 6 - Ed.58, p. 48-55, maio/junho 2015.

CASTRO, Alexandre de. A intermitência (e golpes) da (na) disciplina de Sociologia na educação escolar básica como sintoma de proposta da nova política educacional brasileira. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.10, n.28, p. 29 a 46, 2019.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica**: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*. 2003.

\_\_\_\_\_, (2000). **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: **Editora Unijuí**

DAYRELL, Juarez. A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 25 nov 2019.

DELIZOICOV, Demétrio. **Conhecimento, tensões e transições**. São Paulo, **Faculdade de Educação da USP**. 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75757> Acesso em 02 de fev 21.

DELIZOICOV, D. Problemas e Problematizações. In: Pietrocola, M. (Org.). Ensino de Física: Conteúdo, Metodologia e Epistemologia em uma Concepção Integradora. Florianópolis: **UFSC**, p. 1-13, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/276013/mod\\_resource/content/3/Problemas\\_problematizacao.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/276013/mod_resource/content/3/Problemas_problematizacao.pdf) Acesso em 05 de fev 21.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1990.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Coleção Tópicos. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239077/mod\\_resource/content/0/%C3%89mile%20Durkheim%20-%20O%20Suicidio%20%282000%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239077/mod_resource/content/0/%C3%89mile%20Durkheim%20-%20O%20Suicidio%20%282000%29.pdf) Acesso em 05 jan 21.

FERNANDES, Florestan. **O Ensino da Sociologia na Escola Secundária Brasileira**. IN: A Sociologia no Brasil. Petrópolis, RJ, Vozes, 1980. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/fernandes-florestan-o-ensino-da-sociologia-na-escola-secundaria-brasileira.html> Acesso em: 11 abr 2020.

FERREIRA, Delson. **Manual de Sociologia**: Dos Clássicos à Sociedade Da Informação. 2003.

FRANCISCO JR., W.E.; FERREIRA, L.H.; HARTWIG, D.R. Experimentação problematizadora: fundamentos teóricos e práticos para a aplicação em salas de aula de ciências. **Química Nova na Escola**, n. 30, 2008. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/07-PEQ-4708.pdf> Acesso em: 18 nov 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. Disponível em <https://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/> Acesso em: 05 dez 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa, 25ª Edição. Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf> Acesso em: 05 dez 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora Unesp. 2000

GOYANO, Jussara. Maioridade penal. **Revista Sociologia**. Editora Escala, São Paulo. Ano 4 - Ed.47, p. 20-27, junho/julho 2013.

GOMES, Mayara de Souza. A lei da tortura, ontem e hoje. **Revista Sociologia**. Editora Escala, São Paulo. Ano 7 - Ed.66, p. 16-23, setembro/outubro/novembro 2016.

LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEITE, Maria Cristina Stello. Os desafios de uma disciplina escolar: Práticas docentes no ensino de sociologia. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**. Vol. 1, n. 1, p.52-68. jan/jun. 2017

MACHADO, Celso de Souza. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira: Levantamento preliminar. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, 13(1): 115-142, jan./jun. 1987 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/issue/view/2461> visualizada em: 17 set. 2020.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MAYOR, Fernanda B. S.; GONÇALVES, Hebe S. Mulheres encarceradas. **Revista Sociologia**. Editora Escala, São Paulo. Ano 8 - Ed.70, p. 20-27, junho/julho 2017.

MIRHAN, Lejeune (org). **Sociologia no Ensino Médio: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.

MORAES, Amaury César. Desafios para a implementação do Ensino de Sociologia na escola média brasileira. **Cadernos do NUPPs**, ano 2. São Paulo. 2010. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/cad1001.pdf>. Acesso em 12 nov 2019.

MOREIRA, Ildeu de Castro. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Digital**. Brasília. v. 1, n. 2, p. 11-16, abr/set. 2006

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade étnica e etnia. **Cadernos Pnesb**, n. 5, p. 17-34. Niteroi, 2000

OLIVEIRA, Marcelo Souza. A educação científica nas ciências humanas: experiências do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.) do IF Baiano, Campus Catu - BA. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 13, n. 19, p. 01-84, jan./jun. 2012. Disponível em: [http://revista.liberato.com.br/ojs\\_lib/index.php/revista/article/view/181/171](http://revista.liberato.com.br/ojs_lib/index.php/revista/article/view/181/171) Acesso em: 10 mai 19.

OLIVEIRA, C.B; GONZAGA, A.M. Professor Pesquisador - Educação científica: O estágio com pesquisa na formação de professores para os anos iniciais. **Ciência e Educação**. v.18, n.3, p.689-702, 2012.

RIBEIRO, Dracy. Sobre o óbvio. **Editora Guanabara**, Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: [http://www.biolinguagem.com/ling\\_cog\\_cult/ribeiro\\_1986\\_sobreoobvio.pdf](http://www.biolinguagem.com/ling_cog_cult/ribeiro_1986_sobreoobvio.pdf) Acesso em 22 out 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. — 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Lucas. Sociologia no Ensino Médio: entre a contingência e essencialidade. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais** | Vol.1, no.1 | p. 35-51 | Jan./Jun. 2017.

TAHA, Marli Spat; LOPES, Cátia Silene Carrazoni; SOARES, Emerson de Lima e FOLMER, Vanderlei. Experimentação como ferramenta pedagógica para o ensino de ciências. **Experiências em Ensino de Ciências** V.11, No. 1. 2016.

VASQUES, Lucas. Criança tem opinião. **Revista Sociologia**. Editora Escala, São Paulo. Ano 4 - Ed.49, p. 22-29, outubro/novembro 2013.

VARGAS, Francisco. O ensino da sociologia: dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. In: Vera Lúcia dos Santos Schwarz. (Org.). Educação básica: Um debate teórico sobre o ensino da sociologia. 1ªed. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2013, v. , p. 11-28. Disponível em:  
<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/publicacoes/artigos/>

VASCONCELOS, Ana. **Manual compacto de sociologia**. 2. edi. São Paulo: Editora Rideel. 2010.

JUNIOR, Achiles A.. Lições de sociologia educacional. São Paulo: **Livraria Editora Odeon**, 1936.

## APÊNDICE

### PLANOS

<b>TEMA</b>	<b>Cidadania e Direitos Humanos</b>
-------------	-------------------------------------

#### EMENTA

A Sociologia vem há muito tempo sendo compreendida como uma disciplina muito ou puramente teórica, seja através do senso comum ou por alguns profissionais da área de ensino. Isso se deve pela falta de aplicabilidade dos conhecimentos sociológicos, levando assim, a esse tipo de visão reducionista e ampliação da dificuldade no ensino da mesma. A relevância disso se dá pelo fato de que quanto mais afastado da realidade vivida pelos estudantes, mais difícil torna-se o desenvolvimento da sociologia em sala de aula, segundo FREIRE (1987, p. 40)

*“Enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo ou poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade”.*

Relacionar e/ou estreitar as teorias sociológicas na vida cotidiana dos estudantes no ensino médio é um dos maiores desafios para os professores que são responsáveis por este componente, seja ele formado ou não em sociologia, segundo CHASSOT (2003, p. 90) *“Hoje não se pode mais conceber propostas para um ensino de ciências sem incluir nos currículos componentes que estejam orientados na busca de aspectos sociais e pessoais dos estudantes.”*. Com base nessas questões apontadas acima, pretende-se, com este plano, contribuir para ampliação das possibilidades de aplicação dos conhecimentos sociológicos a partir de uma alfabetização científica que segundo CHASSOT (2000, p. 19), deve ser compreendida como *“o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem”*. permitindo assim, o desenvolvimento da Experimentação Problematizadora.

essa perspectiva, a experimentação problematizadora tem o objetivo de ir além da investigação e deve ser capaz de instigar uma curiosidade mais ampla nos alunos, despertando uma criticidade em relação à transferência do conhecimento. Para o primeiro momento o professor deve apresentar as situações com admissão a um

conhecimento teórico que permite fazer problematizações através de questionamentos. No segundo momento o aluno precisa organizar o conhecimento através de registros, para utilizar o último momento analisando e interpretando o conhecimento. Nesse momento é necessário fazer uso da reflexão e criticidade aos resultados da experimentação para que possa ser discutida e avaliada no grupo, possibilitando uma leitura do fenômeno estudado.”.

## OBJETIVOS

### GERAL

Alfabetizar cientificamente estudantes do ensino médio através da Experimentação Problematizadora com o tema Cidadania e Direitos Humanos.

### ESPECÍFICOS

- Aproximar os estudantes das teorias sociológicas através do entrelaçamento com suas realidades;
- Alfabetizar cientificamente os estudantes com a inserção do conhecimento e aplicação metodológica nas aulas;
- Fomentar o desenvolvimento crítico dos estudantes com o processo de desnaturalização da realidade;
- Orientar o curso do processo investigativo a partir de problematizações dos estudantes;
- Estimular a aplicação do conhecimento adquirido em sala na rotina dos estudantes a partir do conhecimento sobre cidadania e direitos humanos;

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

As referências passarão por contribuição coletiva (alunos e professora), como uma forma de preparação para pesquisa, ensino de canais de pesquisa via internet (google acadêmico, scielo, etc). Mas, como referências básicas, serão utilizadas:

- Livro didático: Livro didático: Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. **Sociologia em movimento**. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 07, p. 170.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível no link: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Cartilha sobre DH, ziraldo [http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dh/cartilha\\_ziraldo\\_dh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_ziraldo_dh.pdf)
- Música “Até quando?” <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>

- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico. 9ª ed.** Editorial Presença - Rio de Janeiro. 2004. Pág. 37 - 47. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/As-Regras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>
- Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: <https://www.trabalhoscolares.net/trabalhos-escolares-nas-normas-da-abnt/>
- Curta metragem, Ilha das Flores. Disponível em: <https://youtu.be/bVjhNaX57iA>
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania.** São Paulo: Brasiliense, 2002.
- Reproduzir a música “Cidadão” do cantor Zé Ramalho. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/75861/>

## METODOLOGIA

As abordagens utilizadas em sala e nas pesquisas propostas aos alunos serão de cunho qualitativo. O/A professor(a) provocará a participação e disponibilizará as referências e materiais necessários para o desenvolvimento das atividades em sala, utilizar o livro didático, e acolher, quando pertinente, as indicações de referências sugerida pelos estudantes. O professor deverá estimular o interesse pela pesquisa, a curiosidade sobre os temas abordados em sala e aguçar do senso crítico dos estudantes.

Após apresentação e discussão sobre o plano que será desenvolvido na unidade, a turma será dividida em cinco grupos, cada grupo ficará responsável por uma geração de direitos humanos e um sobre cidadania, os temas podem ser divididos via sorteio ou outra forma que for melhor para os educandos. O/A professor(a) atuará orientando nas atividades que serão propostas e coordenando todo o processo teórico metodológico das aulas. Os alunos realizarão uma investigação alinhando os conhecimentos adquiridos em sala com seu cotidiano, cada grupo terá autonomia para se organizarem, definirem suas funções no grupo e como serão apresentados os resultados da pesquisa no final da unidade. *Pari passu* ao processo de instrumentalização a partir das técnicas investigativas, serão lidos e debatidos as referências que tratam sobre o tema Cidadania e Direitos Humanos entrelaçadas por teorias sociológicas cujo principais autores serão Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber.

A metodologia que será utilizada é a Experimentação Problematizadora, cada grupo trará questões da vida cotidiana deles e que encaram dentro da normalidade sobre aspectos da Cidadania e Direitos Humanos para que sejam selecionadas e tratadas dentro das teorias sociológicas. Cada situação apresentada pelo aluno será trabalhada à luz de problematizações e isso será feito de forma orientada pelo(a) professor(a) grupo a grupo e depois ampliada para a sala através de debates que proporcionará a liberdade e ampliação do senso crítico dos educandos.

Assim, a experimentação será realizada em três etapas: 1. Problematização inicial - “Problematização Inicial, apresentam-se, aos alunos, questionamentos relacionados

a uma problemática com ênfase social, envolvida na temática geradora, com o intuito de apreender as ideias, experiências e saberes dos estudantes.”; 2. Organização do conhecimento - “Organização do Conhecimento, o professor poderá utilizar os problemas com ênfase conceitual presentes nas atividades investigativas para trabalhar com os alunos.”; 3. Aplicação do conhecimento - “Aplicação do Conhecimento, ao retornar novamente à Problematização Inicial envolvida no tema, o professor poderá trabalhar a última etapa investigativa.” (SOLINO; GEHLEN, 2005, p. 916 apud DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO. 2002)

\*\*\*

Foi indicado como material didático básico o livro de sociologia utilizado até este ano de 2020 na rede pública de ensino. Mas nos anos seguintes o/a professor(a) deverá ficar atento ao livro que será adotado e qual deles dialoga melhor com esse plano, já que até o momento, todos os alunos recebem gratuitamente os livros e é o mínimo necessário para que eles possam estudar os assuntos e temas trabalhados em sala.

**PÚBLICO ALVO:** O plano foi pensado para professores que lecionam o componente Sociologia no ensino médio, em escola urbana.

## Aula 01

De início, pode ser realizado uma dinâmica de apresentação, a proposta é que se realize a dinâmica do barbante, essa dinâmica serve para ajudar na interação e apresentação de alunos e professor(a), estreitar as relações através da identificação de semelhanças de gostos ou proximidade de endereço ou o que mais for extraído das apresentações, além de gerar o sentimento de equipe\*.

Em seguida, realizar a apresentação do plano para a unidade, discuti-lo junto à turma e distribuí-lo para cada estudante, seja no formato digital ou físico (o que for possível). Informar que os temas Cidadania e Direitos Humanos serão abordados na unidade e dividir a turma em cinco grupos, cada grupo ficará com uma das quatro gerações de Direitos Humanos e um grupo com o tema Cidadania, receberão um caderno (ou bloco de notas) para utilizar como diário de campo, será um diário por grupo e todos terão que fazer suas anotações revezando o dia que cada um ficará responsável pelas anotações.

Vale salientar que o uso do diário de campo é muito importante porque auxilia no processo de escrita dos alunos, na autoavaliação e aproxima-os da utilização do instrumento que é usado por muitos cientistas. Orientar que a forma correta de utilizar o diário é nos momentos de realização das atividades de pesquisa seja individual ou em grupo, anotar falas, questões, acontecimentos... Tudo que for relevante para a pesquisa e que não deve ser usado para relatar questões pessoais ou íntimas. A nível de exemplificação, apresentar de forma breve sobre como os antropólogos atuam e a importância desse instrumento para o registro de dados importantes na investigação ou na escrita etnográfica. Deve-se também, ser



indicado os capítulo do livro didático que dialogam com os temas em questão e em caso de dúvidas, esclarecê-las.

\*\*\*

\*No caso da dinâmica do barbante, o/a professor(a) deve levar um rolo grande de barbante ou lã, explica que a metodologia será: A turma sentada em círculo, ele/ela (o/a professor(a)) amarra a ponta do barbante no dedo e vai se apresentar, depois, jogará o rolo do barbante para um aluno que seguirá fazendo o mesmo, amarra no dedo um pedaço do barbante e se apresenta, depois joga o rolo para outra pessoa e assim será feito até todos se apresentarem. Cada um pode falar o que se sentir à vontade, não são obrigados, mas precisam ser breve, já que uma turma do ensino médio tem uma média de 40 alunos em sala, no momento em que a todos concluir suas apresentações e a sala estiver tomada pela teia. Quando finalmente o barbante retornar para a mão do(a) professor(a) ele/ela deve apresentar o aluno que jogou o rolo de barbante para ele/ela e fazer uma apresentação geral da turma.

**Materiais para os alunos:**

- Plano da unidade (5 cópias);
- Caderno ou bloco de notas (5 cópias);
- Livro didático: Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. Sociologia em movimento. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 01, 07 e 10.

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático;
- Barbante ou novelo de lã (para dinâmica);
- Plano da unidade

**Resultados esperados:** Maior interação entre alunos e professor(a); Conhecimento sobre o planejamento da unidade.

## Aula 02

Cabe ao professor(a), seguindo o primeiro passo da proposta de Experimentação Problematizadora, apresentar as situações a partir do referencial teórico sobre algumas convulsões sociais que contribuíram para o surgimento de cada geração dos Direitos Humanos e do conceito de Cidadania. Indicar qual o capítulo do livro didático dialoga com a discussão e referências complementares. Introduzir sobre a Revolução Industrial, Revolução Francesa e a Segunda Guerra Mundial. Em seguida, discutir sobre os direitos conquistados e apresentar a Declaração Universal dos Direitos Humanos que será distribuída uma cópia para cada grupo (impresso e/ou digitalmente). Em seguida, lido coletivamente pelos alunos e professor(a).

Para realizarem em casa, o/a professor(a) pedirá que cada grupo pesquise, escreva no caderno um resumo crítico (orientar como fazer esse tipo de resumo) e apresente na aula seguinte sobre um dos temas: Revolução Industrial, Revolução Francesa, Segunda Guerra Mundial e a equipe que está com Cidadania, apresentará sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, buscando responder: O Quê aconteceu? Porquê/Motivação? Onde ocorreu? Quando (início e fim)? Resultados? Sua análise sobre o tema lido.

**Materiais para os alunos:**

- Livro didático: Livro didático: Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. Sociologia em movimento. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 07, p. 170.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (5 cópias). Disponível no link: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

**Indicações:**

- Revolução Industrial:
  1. <https://youtu.be/jt-o3EBQPMU>
  2. <https://youtu.be/qp-ViBSR40Q>
- Revolução Francesa:
  1. <https://youtu.be/IVfsFeYKM-s>
  2. [https://youtu.be/ba\\_puXAqhC8](https://youtu.be/ba_puXAqhC8)
  3. <https://youtu.be/LkjFG6Bbno8>
- Segunda Guerra Mundial: <https://youtu.be/4QnCdZ4A92Q>
- Cidadania:
  1. <http://noosfero.ucsal.br/articles/0012/1896/dimenstein-o-cidadao-de-papel.pdf>

**Dica!**

1. Industrialização Brasileira [https://www.youtube.com/results?search\\_query=Revolu%C3%A7%C3%A3o+Industrial+brasileira](https://www.youtube.com/results?search_query=Revolu%C3%A7%C3%A3o+Industrial+brasileira)
2. Cartilha direitos do Estudante [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/educacao/cartilhas/cartilha\\_direitos\\_do\\_estudante.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/educacao/cartilhas/cartilha_direitos_do_estudante.pdf)

**Equipamento s/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático;
- Declaração Universal dos DH.

**Resultados esperados:** Compreender como os fatos históricos contribuíram para a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos; Identificar como alguns direitos foram conquistados; Reconhecer seus direitos enquanto seres humanos.

### Aula 03

Cada grupo fará a apresentação dos resumos sobre: Revolução Industrial, Revolução Francesa, Segunda Guerra Mundial, Declaração Universal dos Direitos Humanos e Cidadania. Devem realizar a apresentação em no máximo 7 minutos para que ao final, ocorra um debate sobre todas as apresentações, isso deve durar 10 minutos. O debate será coordenado pelo(a) professor(a) que buscará captar o que foi apreendido pelos alunos que realizaram a apresentação e aos que participaram da aula. Cabe também ao professor, contribuir para aguçar a curiosidade e criticidade dos alunos a partir de questionamentos e problematizações lançadas à turma a partir do que foi apresentado ou questionado por eles (os alunos).

Para discutir na aula seguinte, os mesmos grupos escolherá (pode ser realizado sorteio) uma das quatro gerações de DH e o quinto grupo ficará com a pesquisa sobre Cidadania.

#### **Materiais para os alunos:**

Distribuir um resumo sobre a Revolução Industrial e Revolução Francesa, Segunda Guerra Mundial, Declaração Universal dos Direitos Humanos e Cidadania, com indicações de referências. Pode ser construído pelo(a) professor(a) um slide e impresso em formato PDF para dar aos alunos ao invés de um resumo padrão. (1 cópia para cada aluno).

Isso ajudará na revisão posteriormente. Ou se preferir, pode escrever no quadro para que todos copiem em seus cadernos.

#### **Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;

**Resultados esperados:** Compartilhamento do conhecimento adquirido através das pesquisas; Ampliação da capacidade de questionar/problematizar;

### Aula 04

A turma já separada por grupos, cada grupo apresentará sobre a geração e os direitos correspondentes. O/A professor(a), abre o momento dos debates com a música de Gabriel o Pensador “Até quando?”, incita uma discussão crítica e problematizadora sobre alguns direitos e a garantia deles e qual o papel dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) nesse processo. Perguntar para os

alunos sobre o acesso à qualidade dos serviços de: saúde, segurança, educação... No seguinte, a partir do que propõe a segunda etapa da Experimentação Problematizadora, os alunos vão organizar o conhecimento a partir dos registros que serão realizados, para isso, será solicitada uma pesquisa norteada pelas próprias problematizações realizadas anteriormente pelos alunos acerca do tema Cidadania e Direitos Humanos.

Cada grupo escolherá um ou mais direitos (a partir do que já foi pesquisado) buscando analisar se, e como eles, (os estudantes), e seus familiares, têm acesso à esses direitos em seu cotidiano, Ex.: 1ª Geração (Liberdade): direito de ir e vir; 2ª Geração (Igualdade): Aposentadoria; 3ª Geração (Solidariedade/Fraternidade): Direito do consumidor; 4ª Geração: Direito à informação; e no caso da Cidadania, identificar se seus familiares sabem dos seus deveres como cidadãos e a quem cobrar para garantia dos seus direitos, seja à Prefeitura, Governo do Estado ou Governo Federal.

Para ser entregue na última aula a parte escrita e realizar a apresentação. Nas aulas seguintes, os alunos serão instrumentalizados para realização da pesquisa.

**Materiais para os alunos:**

- Cartilha sobre DH, ziraldo  
[http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dh/cartilha\\_ziraldo\\_dh.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dh/cartilha_ziraldo_dh.pdf)
- Música “Até quando?”  
<https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>

**Dica!**

- Sobre as Gerações de DH  
[https://www.youtube.com/watch?v=ZtjVpl\\_rPLs](https://www.youtube.com/watch?v=ZtjVpl_rPLs)

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro Branco;
- Apagador;
- Caixa de som

**Resultados esperados:** Identificar as características de cada geração de direitos; Ampliação da capacidade crítica; Reconhecimento de direitos.

## Aula 05

A aula deve ser iniciada com alguns questionamentos realizado pelo(a) professor(a) e lançados aos alunos sobre o que entendem por ciência. As respostas dos alunos devem ser utilizadas como base para elaboração de novas perguntas a serem relançadas para eles, a idéia não é fornecer respostas prontas, mas, a partir das perguntas, contribuir para aguçar a curiosidade dos alunos acerca da questão para que a partir do desenvolvimento do conteúdo, eles possam alcançar as respostas.

Após isso, o/a professor(a) deve introduzir à apresentação sobre ciência, metodologia científica, o que é método (indutivo e dedutivo), técnica (Observação e

Questionário), instrumentos (Gravador e Diário de campo) e abordagens (Quantitativa e Qualitativa). Se estas informações forem passadas de forma clara e simples, não haverá dificuldades para apreensão por parte dos alunos, ex: É bem provável que algum aluno já tenha sido abordado por algum pesquisador ou pelos técnicos do IBGE, isso já serve como exemplo de survey e para auxiliar na explicação da abordagem quantitativa.

O/A professor(a) deve incitar a discussão sobre alfabetização científica, sua importância e utilidade na vida prática deles. Um aluno alfabetizado cientificamente consegue ter uma relação mais ativa enquanto cidadão, o senso crítico aguçado ajudam no momento de tomar decisões e os novos conhecimentos adquiridos facilitam em seleções seja para inserção na universidade ou no mundo do trabalho.

Informar e orientar sobre a análise dos dados, o que é e como fazer. Lembrando que tudo isso deve ser feito levando em consideração a linguagem utilizada e sempre que possível, buscar utilizar exemplos que facilite o entendimento dos alunos. O livro didático deve ser usado como base e outras referências com linguagem acessível devem ser introduzida, caso contrário, indica-se a elaboração de referências pelo professor(a).

#### **Materiais para os alunos:**

- Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. Sociologia em movimento. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 01, p. 16.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002

#### **Dica!**

1. Como funciona o método científico. E porque ele é diferente de opinião.

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/05/Como-funciona-o-m%C3%A9todo-cient%C3%ADfico.-E-por-que-ele-%C3%A9-diferente-de-opini%C3%A3o>

#### **Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático.

**Resultados esperados:** Obter conhecimentos básicos sobre metodologia científica; Capacidade de identificar problemas sociais e problematizá-los.

Como continuação da aula anterior, o/a professor(a) passará orientações para a pesquisa de campo. Além da pesquisa bibliográfica, será orientado que cada estudante realize sua pesquisa em casa, colete de seus familiares (máximo de duas pessoas por membro da equipe) algumas informações sobre o direito escolhido pela equipe, ex: Sobre saúde, perguntar aos pais se eles têm acesso à saúde, como isso acontece (facilidade ou dificuldade), se recebem medicamentos, conseguem realizar exames, se conhecem algum meio para reclamar do serviço ou para quem reivindicar solução... Para isso, o/a professor(a) deverá orientar a turma sobre como coletar, tratar e analisar esses dados. Depois, deverá ir de grupo em grupo orientando no roteiro de entrevista.

Cabe dizer que essa proposta investigativa dos alunos não possui o mesmo rigor que o exigido em pesquisas acadêmicas, a proposta é introduzir esses fazeres científicos mas consciente de suas limitações.

. Lembrá-los dos autores clássicos da sociologia (Marx, Weber e Durkheim) e suas contribuições científicas para compreender a sociedade (respectivamente, O capital, A ética protestante e o espírito do Capitalismo, O suicídio) e iniciar a discussão sobre o livro “As Regras do Método Sociológico” de Émile Durkheim.

#### **Materiais para os alunos:**

- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico. 9ª ed.** Editorial Presença - Rio de Janeiro. 2004. Pág. 37 - 47. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/As-Regras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>

#### **Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático.

**Resultados esperados:** Escreva o roteiro da entrevista que será usada na pesquisa de campo; Saibam como realizar a coleta, tratamento e analisar os dados da pesquisa;

### **Aula 07**

Em diálogo com os conteúdos apresentados nas aulas anteriores, será realizado um estudo dirigido sobre o livro “As Regras do Método Sociológico” de Émile Durkheim, já iniciado na aula anterior, mais detidamente sobre os Fatos Sociais. Cada grupo terá em mãos uma cópia das páginas destacadas para a atividade.

Utilizar os acontecimentos históricos apresentados nas aulas anteriores para explicar o que é Fato Social e exemplificar com questões já levantadas nas aulas anteriores sobre o dia a dia do aluno provocando a participação dos mesmos. Indicar o que ocorrerá na próxima aula para que os alunos possam levar seus esboços de pesquisa e diário de campo.

**Materiais para os alunos:**

- As Regras do Método Sociológico - Pág. 37 - 47, (versão digital e impressa, 5 cópias). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/As-Regras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>

**Dica!**

1. Café com sociologia

<https://cafecomsociologia.com/fato-social-durkheim/>

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático.

**Resultados esperados:** Saibam o que é e como identificar Fato Social; Relacionar sociologia com o cotidiano deles.

**Aula 08**

Nesta aula, será dialogado grupo a grupo sobre a execução da pesquisa, orientando a partir da devolutiva dos mesmos sobre suas dificuldades e percalços no trabalho em equipe. Além desse acompanhamento mais próximo, será apresentado sobre as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na escrita do trabalho (capa, citação, referências), mesmo que os alunos não façam seus trabalhos digitados, terão que seguir o mesmo desenho manualmente. O/A professor(a) deverá escrever no quadro sobre as regras selecionadas e indicar o endereço para que possam consultar as regras quando desejarem. Ao final de toda explicação e exemplificação, cada aluno receberá uma folha de papel ofício ou pautado para exercitarem o que foi ensinado.

**Materiais para os alunos:**

- Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: <https://www.trabalhoscolares.net/trabalhos-escolares-nas-normas-da-abnt/>
- Folhas de ofício e/ou pautado (uma folha para cada aluno);

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático.

<p><b>Dica!</b> 1. Normas da ABNT <a href="https://www.tecmundo.com.br/tutorial/59480-aprenda-usar-normas-abnt-trabalhos-academicos.htm">https://www.tecmundo.com.br/tutorial/59480-aprenda-usar-normas-abnt-trabalhos-academicos.htm</a></p>	
<p><b>Resultados esperados:</b> Estejam esclarecidos sobre a execução da pesquisa; Saibam como escrever seus trabalhos segundo a norma da ABNT.</p>	
<p><b>Aula 09</b></p>	
<p>Estudo sobre Classe social e desigualdades, rodar o curta metragem “Ilha das Flores”, este curta será utilizado para levantar as discussões sobre desigualdades sociais e extrair outras informações interessantes para ampliação do capital cultural dos alunos, e depois, trabalhar mais detidamente com o autor Karl Marx e discutir sobre como os DH são acessados a partir de classes sociais (Burguesia e Proletariado) diferentes relacionando com o curta e como as pessoas que são representadas estão em condições de acessar esses direitos. Auxiliar os alunos no processo de desnaturalização da pobreza, violência e junto com eles, levantar os problemas que a restrição de acesso à direitos causam. Indicar que os alunos busquem identificar as instituições (Secretarias, Ministérios, ONGs, Centros) que atuam em defesa dos DH e que através delas busquem materiais que sirvam como referencial em suas pesquisas. Trabalhar com o livro didático e textos complementares se for necessário.</p>	
<p><b>Materiais para os alunos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. Sociologia em movimento. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 10, p. 232</li> <li>• Curta metragem, Ilha das Flores. Disponível em: <a href="https://youtu.be/bVjhNaX57iA">https://youtu.be/bVjhNaX57iA</a></li> </ul> <p><b>Dica!</b> 1. Cartilha João Cidadão. <a href="https://www.mpba.mp.br/content/cartilha-jo%C3%A3o-cidad%C3%A3o">https://www.mpba.mp.br/content/cartilha-jo%C3%A3o-cidad%C3%A3o</a> (Disponibilizar no formato digital) 2. O Capital [v.1] de Marx “em quadrinhos”, de 1974 (81 pág.)</p>	<p><b>Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro;</li> <li>• Pincel Atômico para quadro branco;</li> <li>• Apagador;</li> <li>• Livro didático;</li> <li>• Caixa de som;</li> <li>• Data Show;</li> <li>• Notebook/Computador.</li> </ul>



[https://www.academia.edu/8757284/O capital das kapital em quadinhos - karl marx](https://www.academia.edu/8757284/O_capital_das_kapital_em_quadinhos_-_karl_marx) (5 cópias se possível, mas independente disso, enviar formato digital)

3.Sociologia e Quadrinhos.

<https://www.cafecomsociologia.com/desigualdade-social-em-quadinhos/>

**Resultados esperados:** Entendam sobre a perspectiva de Karl Marx; Amplie a capacidade argumentativa e de problematização; Reconheçam a relação entre desigualdade social e acesso à direitos.

### Aula 10

Estudo dirigido sobre Cidadania. Abrir a aula com a música “cidadão” do cantor Zé Ramalho. Ler e discutir sobre como o exercício da cidadania está ligada ao acesso aos direitos básicos e fundamentais à todos os seres humanos e qual o papel do cidadão nesse processo. O/A professor(a) deve distribuir o texto por equipe e seguir de grupo em grupo orientando na leitura e auxiliando no levantamento de questões e/ou possíveis respostas para as questões levantadas por eles, além de problematizar essa atuação cidadã. Realizar um debate sobre os direitos básicos do cidadão com toda a turma.

#### **Materiais para os alunos:**

- Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. Sociologia em movimento. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Capítulo 07, p. 184.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. O que é cidadania. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- Reproduzir a música “Cidadão” do cantor Zé Ramalho. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/75861/>

#### **Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático;
- Caixa de som.

**Resultados esperados:** Conhecerem os direitos e deveres do cidadão; Detectarem quais os fatores que limitam o acesso à direitos;

### Aula 11

Para esta aula, será feita uma oficina buscando reduzir as fragilidades sobre os temas trabalhados e fortalecer as compreensões sobre os temas. O/A professor(a) levará jornais e outros materiais impressos (que possam ser recortados) que tratam de alguma violação, defesa ou garantia dos Direitos Humanos. Será entregue para cada grupo uma quantidade determinada desses impressos para possam analisar as matérias e recortarem as que tratam dos DH direta ou indiretamente. Os materiais poderão ser trocados entre os grupos e ao final dos 15 minutos utilizados para as seleções das matérias, será colado um papel metro na parede da sala onde cada aluno vai explicar a matéria que escolheu em face aos DH e colar no papel metro, concluído essa etapa, cada um poderá escrever no cartaz frases em defesa dos DH.

**Materiais para os alunos:**

- Jornais e/ou revistas para recortar;
- Papel Metro (2 metros);
- Durex (1 rolo grande);
- Cola (5 uni. em bastão ou líquido);
- Tesoura sem ponta (5 unidades).

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel;
- Apagador;
- Livro didático.

**Resultados esperados:** Consolidação do conhecimento sobre os direitos humanos e quando ocorre a negação do mesmo; Experiência em trabalho de grupo; Ampliação da percepção e desnaturalização dos fatos noticiados; Leitura crítica de jornais e revistas;

## Aula 12

Esta última aula será utilizada para apresentações e debates. Cumprindo assim, a última etapa da Experimentação Problematizadora que é a de analisar e interpretar o conhecimento adquirido. Cada grupo deverá apresentar os resultados da sua pesquisa de modo a deixar evidenciado qual a análise que fizeram com os dados coletados e como interpretam-nos diante da própria realidade que vive. Após todos apresentarem, iniciará o debate e o/a professor(a) deverá questionar como foi realizado a pesquisa e qual a relevância de tudo que foi trabalhado na unidade para eles (os estudantes). Isso terá uma grande importância avaliativa e para mensurar qual o nível de desenvolvimento dos estudantes no tema enquanto formação crítica e cidadã. Caberá ao professor avaliar as apresentações, trabalho escrito, diário de campo e debate, buscando perceber se os alunos conseguiram alcançar os

objetivos da unidade. Encerrar a aula com a música de “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” de Geraldo Vandré.

**Materiais para os alunos:**

- Reproduzir a música “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” de Geraldo Vandré, disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>

**Equipamentos/Materiais para o/a professor(a):**

- Quadro;
- Pincel Atômico para quadro branco;
- Apagador;
- Livro didático;
- Caixa de som.

**Resultados esperados:** Alunos alfabetizados cientificamente; Adquiram conhecimentos básicos sobre pesquisa científica; Identifiquem os principais autores da sociologia e suas contribuições para compreender a sociedade; Estarem

## AVALIAÇÃO

**As avaliações se constituirá a partir da realização das atividades:**

- a. Pesquisa individual (Até 4,0 pontos);  
Cada aluno deverá pesquisar e redigir texto argumentativo sobre o assunto que ficou responsável somando ao texto produzido pelos demais colegas do grupo que pertence e entregue ao final da unidade.
- b. Diário de campo (Até 3,0 pontos);  
Cada grupo receberá no início da unidade um caderno (ou bloco de notas), onde irão registrar os caminhos, dificuldades e participação dos demais membros do grupo em cada dia na realização da experimentação.
- c. Assiduidade, participação e apresentação (Até 3,0 pontos);  
Será acompanhado pelo(a) professor(a) a presença, participação das atividades e discussões em sala, além da apresentação final.

As pontuações correspondentes de cada atividade avaliativa poderá ser alterada mediante necessidade, já que tem escolas que realizam avaliações globais ou de área e isso consome parte da pontuação da unidade.

## REFERÊNCIAS

Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em:  
<https://www.trabalhoscolares.net/trabalhos-escolares-nas-normas-da-abnt/>

BODART, Cristiano das Neves. **Fato Social em Durkheim**. Blog Café com Sociologia. 2013. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/fato-social-de-durkei/>>. Acessado em: 27 de março de 2020.

Brasil, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Componente curricular: Sociologia. **Sociologia em movimento**. - 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2003 Nº 22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf> Acessado em: 27 de março de 2020.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 9ª ed. Editorial Presença - Rio de Janeiro. 2004. Pág. 37 - 47. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/As-Regras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** . 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

SOLINO, Ana P.; GEHLEN, Simoni T.. **O papel da problematização freireana em aulas de ciências/física: articulações entre a abordagem temática freireana e o ensino de ciências por investigação**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 911-930, 2015.

TAHA, Marli Spat; LOPES, Cátia Silene Carrazoni; SOARES, Emerson de Lima e FOLMER, Vanderlei. **Experimentação como ferramenta pedagógica para o ensino de ciências**. Experiências em Ensino de Ciências V.11, No. 1. 2016.